

Bianca Deon Rossato

**A MANIFESTAÇÃO DA MEMÓRIA NAS OBRAS *OS RATOS E
O LOUCO DO CATI***

**Passo Fundo
2009**

Bianca Deon Rossato

**A MANIFESTAÇÃO DA MEMÓRIA NAS OBRAS
*OS RATOS E O LOUCO DO CATI***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação da Prof^a Dra. Márcia Helena Saldanha Barbosa.

Passo Fundo

2009

R823m Rossato, Bianca Deon

A manifestação da memória nas obras Os Ratos e O Louco de Cati / Bianca Deon Rossato. – 2009.
82 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2009.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Márcia Helena Saldanha Barbosa.

1. Crítica. 2. Literatura brasileira. 3. Memória na literatura. I. Barbosa, Márcia Helena Saldanha, orientadora. II. Título.

CDU: 869.0(81).09

*Dedico este trabalho aos meus pais Doacir e Lúcia,
e aos meus irmãos Bruno e Bruna, sem os quais não
teria chegado ao fim desta jornada.*

Agradeço à minha orientadora Márcia Helena Saldanha Barbosa, pelo acompanhamento e pelo incentivo;
à Maria Cristina Vieira da Costa, por acreditar na minha capacidade;
ao Carlos Antônio Guadagnin, diretor da Wizard Idiomas – meu local de trabalho –;
à sua esposa Janete Guadagnin;
às coordenadoras Rosângela Soccol e Marina Felini e à colega Diody Sebben, pelo apoio e pela compreensão.

Somos aquilo que nos lembramos.

Norberto Bobbio

RESUMO

Este trabalho investiga a manifestação da memória na trajetória dos protagonistas dos romances *Os ratos* (1935) e *O louco do Cati* (1942), do escritor Dyonelio Machado. Para tanto, analisam-se as ocorrências mais relevantes do mecanismo mnêmico de cada um dos personagens principais, com vistas a refletir acerca dos seguintes aspectos: as peculiaridades das memórias dos protagonistas; os motivos que impulsionam o surgimento de certas lembranças, e não de outras, no seu cotidiano; os modos pelos quais as lembranças interferem em suas atitudes. A pesquisa, que se constitui em um trabalho de natureza bibliográfica, tomou por base os estudos de Henri Bergson, em *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito* (1896), e de Sigmund Freud, em *Projeto para uma psicologia científica* (1895) e *Lembranças encobridoras* (1899). Ao final da pesquisa, constatou-se que determinadas lembranças redirecionam as ações dos personagens mencionados de modo a impossibilitá-los de tomar certas atitudes. Observou-se, também, que, embora os protagonistas, muitas vezes, tenham consciência da importância de agir de determinada maneira, não se sentem capacitados para tal comportamento porque suas memórias reforçam a falta de atitude. Além disso, verificou-se a existência de lembranças que, por seu conteúdo aflitivo, são encobertas por outras, geralmente relacionadas à infância, que evitam o desencadeamento de desprazer na *psique* do indivíduo.

Palavras-chave: Dyonelio Machado. Henri Bérqson. Sigmund Freud. Manifestação da memória. Interligação entre corpo e espírito. Lembranças encobridoras.

ABSTRACT

This work investigates the manifestation of memory in the life trajectory of the protagonists from the novels *Os ratos* (1935) and *O louco do Cati* (1942), by the writer Dyonelio Machado. For that purpose, the most relevant expressions of the memory mechanism of each main character are analyzed, so that it is possible to identify their peculiarities; the reasons that impel the appearance of such recollections and not others, in the characters' everyday living; and the way through which those remembrances interfere in their attitudes. The research that is a bibliographical one used as bases the theories by Henri Bergson, in *Matter and Memory* (1896), and by Sigmund Freud, in *Project for a scientific psychology* (1895) and *Screen memories* (1899). By the end of the search, it was noticed that certain memories redirect the actions of the protagonists in such a way that prevents them from making some decisions. It was also observed that, although the protagonists frequently have notion about the importance of certain postures, they do not feel capable of such behavior because their recollections reinforce the lack of attitudes. Besides, it was verified the existence of painful remembrances that are concealed by other ones, because of their harmful content, usually related to the person's childhood, that avoid the outcoming of displeasure in the individual's psyche.

Key-words: Dyonelio Machado. Henri Bergson. Sigmund Freud. Manifestation of memory. Connection between body and spirit. Screen memories.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A MEMÓRIA E SUAS FACETAS	14
1.1 Memória: um mecanismo desencadeador da ação	16
1.2 Lembranças que perturbam a ação	25
2 <i>OS RATOS: MEMÓRIA E (IN)AÇÃO</i>	29
2.1 A interferência da memória nas atitudes de Naziazeno Barbosa	32
2.2 As lembranças encobertas de Naziazeno Barbosa	47
3 <i>O LOUCO DO CATI: A METAMORFOSE PSICOLÓGICA DESENCADEADA PELA</i> <i>LEMBRANÇA</i>	54
3.1 A evocação de traumas infantis através da percepção	58
3.2 As recordações como transfiguradoras da realidade	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	83

INTRODUÇÃO

A motivação que suscitou a investigação proposta consistiu no meu desejo de aprofundar os estudos relacionados a algumas obras do escritor Dyonelio Machado, iniciados durante o período em que fui bolsista de Iniciação Científica, na condição de acadêmica do Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo. Ademais, as pesquisas realizadas naquele momento, que tratavam da indissolubilidade do tempo e do espaço, despertaram o interesse por investigar a manifestação da memória, que se faz presente, de forma peculiar, nas obras *Os ratos* (1935) e *O louco do Cati* (1942). A escolha desse *corpus* deve-se, portanto, à presença marcante de traços de memória nos protagonistas desses romances e à minha familiaridade com tais livros. Assim, a elaboração da dissertação de mestrado surgiu como uma importante oportunidade de aprofundamento dos conhecimentos já adquiridos com relação à ficção dyoneliana. Além disso, a análise que se propõe está ancorada em duas teorias até então não empregadas na investigação da memória nas referidas tramas literárias, e recorrer a essas teses para estudar seres ficcionais constituiu, para mim, um novo desafio.

O ficcionista Dyonelio Machado nasceu em 1895 na cidade de Quaraí, região da Campanha Gaúcha, localizada na fronteira oeste do Rio Grande do Sul com o Uruguai. De origem humilde e órfão de pai já aos sete anos, o jovem Dyonelio vendeu rifas para ajudar a mãe em casa. Desde muito cedo, participou ativamente de iniciativas culturais, como, por exemplo, “jornaizinhos manuscritos, um deles, *O Martelo*, composto com tipos desparelhos, mas impresso” (GRAWUNDER, 1995, p. xiii). Ainda jovem, mudou-se para Porto Alegre a fim de estudar, e foi nesse meio que fizera grandes amigos e companheiros de estudos literários. Em 1927, publicou seu primeiro livro, *Um pobre homem*. Nesse período, ao ingressar na escola de medicina, teve contato com estudos psicanalíticos. O escritor também participou ativamente da política; em um primeiro momento, de forma indireta, por meio de sua colaboração em alguns jornais, e, mais tarde, diretamente, quando assumiu a presidência estadual da Aliança Nacional Libertadora. Elegeu-se deputado estadual constituinte em 1947, pelo Partido Comunista, mas não cumpriu todo o mandato, em virtude de seu partido ter sido posto na ilegalidade pelo poder vigente à época. Em relação à sua produção escrita, Dyonelio Machado elaborou não somente trabalhos ficcionais, mas também trabalhos nas áreas da medicina e da política.

No que se refere à sua produção literária, além do já citado livro de contos – *Um pobre homem* –, o escritor publicou aproximadamente 12 obras¹. Em 1935, apresentou ao público leitor o romance que é considerado sua obra-prima, *Os ratos* – um dos livros que compõem o *corpus* dessa investigação –, e que, juntamente com as obras de Erico Verissimo, João Alphonsus e Marques Rabelo, ganhou o prêmio Machado de Assis daquele ano. Cyro Martins comenta que “na época, esses quatro cavaleiros das letras tomaram conta dos céus literários do Brasil, tal foi a repercussão que o prêmio alcançou” (1995, p.11). No ano de 1942, surgiu *O louco do Cati* – segundo romance que integra a análise deste trabalho investigativo –, que, ao contrário de seu predecessor, permaneceu esquecido por praticamente quatro décadas, tanto pelo público leitor quanto pelos críticos literários.

Os poucos teóricos que se debruçaram sobre o texto acima referido, a exemplo do estudioso de literatura Moysés Vellinho, não observaram qualidade alguma no trabalho do escritor gaúcho, julgando que “tudo ali é informe. Tudo por fazer” (1960, p. 76). Por outro lado, escritores como Mário de Andrade demonstraram grande apreciação no que tange à referida obra, ainda na época em que fora colocada em circulação. Segundo Andrade, esse romance “morde e marca” (apud GRAWUNDER, 1997, p. 85). Guimarães Rosa também deixa registrado seu gosto pelo romance dyoneliano quando afirma: “para mim, os melhores livros que já li até hoje como originalidade, como realização, como beleza, foram o de Herberto, [*Além dos marimbus*] e o *O louco do Cati*, de Dyonelio Machado” (apud GRAWUNDER, 1997, p. 87).

Com vistas a orientar o desenvolvimento do trabalho, que se constitui como uma pesquisa de natureza bibliográfica, são estabelecidos alguns objetivos a serem atingidos até o término da investigação, a saber: levantar as manifestações mais relevantes da memória de cada protagonista, a fim de identificar suas particularidades; analisar os motivos que impulsionaram o surgimento dessas lembranças e não de outras, no cotidiano desses personagens; verificar de que forma tais lembranças interferem em suas atitudes. Para que tais metas sejam efetivamente alcançadas, tomam-se, em primeiro lugar, como pressupostos teóricos a obra *Matéria e memória: ensaio sobre as relações do corpo com o espírito*, do filósofo francês Henri Bergson, publicada no ano de 1896 – na qual o autor teoriza sobre a

¹ A produção ficcional do escritor constitui-se de: *Um pobre homem* (1927), *Os ratos* (1935), *O louco do Cati* (1942), *Desolação* (1944), *Passos perdidos* (1946), *Deuses econômicos* (1966), *Prodígios* (1980), *Endiabrados* (1980), *Nuanças* (1981), *Sol subterrâneo* (1981), *Fada* (1982), *Ele vem do fundão* (1982) e *O estadista* (1926), publicado por Maria Zenilda Grawunder, somente em 1995, juntamente com outros escritos autobiográficos do autor.

interligação entre corpo e alma –, que irá contribuir decisivamente com esta pesquisa, por estabelecer a relevância da memória na vida do indivíduo no momento em que esse elemento se apresenta como o ponto de contato entre matéria e espírito.

Por conseguinte, o *Projeto para uma psicologia científica*, de Sigmund Freud, lançado, em 1895, como uma tentativa do autor de tornar os estudos sobre a psique mais objetivos e científicos, oferece algumas reflexões sobre a possível localização do mecanismo mnêmico e o seu funcionamento. Por fim, *Lembranças encobridoras*, outro texto de autoria de Sigmund Freud, publicado em 1899 – no qual ele disserta sobre a influência de memórias que ficam guardadas apenas no inconsciente do indivíduo, mas que provocam reações e mudanças de comportamento em nível consciente –, fornece subsídios para que se proceda a uma abordagem mais aprofundada no que se refere à repercussão da memória no dia-a-dia dos protagonistas de *Os ratos* e *O louco do Cati*, respectivamente, Naziazeno Barbosa e o Louco. Além dos estudiosos já citados, também são utilizados alguns apontamentos extraídos da obra *O tempo na narrativa* (1995), de Benedito Nunes, e de *Texto/contexto* (1969), de Anatol Rosenfeld, no que diz respeito à questão da análise do tempo no romance.

O trabalho, que investiga as manifestações da memória nos dois protagonistas dyonelianos, está subdividido em três capítulos. O primeiro, intitulado “A memória e suas facetas”, apresenta uma revisão das noções teóricas utilizadas na análise e constitui-se em dois momentos: “Memória: um mecanismo desencadeador da ação”, no qual se propõe uma reflexão acerca das teses bergsonianas, e “Lembranças que perturbam a ação”, subdivisão esta que se detém na observação dos pressupostos freudianos. O segundo capítulo, denominado “*Os ratos*: memória e (in)ação”, é reservado para o levantamento das memórias mais relevantes de Naziazeno, a análise da manifestação desse produto da psique e a repercussão de sua presença no cotidiano, nas ações ou nas inações do protagonista desse romance. Organizado sob a mesma perspectiva de análise do segundo capítulo, o terceiro – intitulado “*O louco do Cati*: a metamorfose psicológica desencadeada pela lembrança” – centra-se na manifestação da memória e na sua repercussão na vida do protagonista da obra *O louco do Cati*. Por fim, destaca-se um espaço para as considerações finais, nas quais se efetua um cotejo entre as manifestações das lembranças dos dois protagonistas, com vistas a demonstrar os resultados da investigação.

Finalmente, percebe-se a relevância desta pesquisa, na medida em que se observa que, embora grande parte das investigações realizadas nos últimos anos, no que diz respeito à ficção dyoneliana, tenha tido como objeto as obras acima referidas, nenhuma parece haver abordado a questão da memória sob o prisma aqui exposto. Assim, essa abordagem contribui

para o aprofundamento das reflexões referentes à obra de Dyonelio Machado, através de uma perspectiva inovadora de análise, que pode contribuir para o surgimento de novos leitores e estudiosos das tramas dyonelianas, libertando o escritor e a sua obra, ainda que tardia e postumamente, do esquecimento e do ostracismo.

1 A MEMÓRIA E SUAS FACETAS

A investigação da influência da memória nas ações de seres de papel requer que se observe, previamente, a constituição e o funcionamento desse mecanismo mnêmico. Para o senso comum, a memória é o acúmulo de lembranças referentes às experiências vivenciadas pelo indivíduo. Ampliando tal conceito, o estudioso Iván Izquierdo afirma que a memória é formada por três processos distintos que vão permitir esse acúmulo de vivências na mente: aquisição, conservação e evocação de informações. Segundo o pesquisador, “nós formamos, guardamos e evocamos memórias com fortes componentes emocionais e sob intensa modulação hormonal”, por meio de “processos bioquímicos localizados em diferentes células de nosso sistema nervoso” (IZQUIERDO, 2004b, p. 16).

Na análise da constituição da memória como parte do sistema psicológico, elaborada por Sigmund Freud em seu trabalho intitulado *Projeto para uma psicologia científica* (1895), o teórico investiga a existência de duas classes de neurônios que fariam parte desse processo de aquisição, de conservação e de evocação de memórias. O primeiro deles é denominado sistema de neurônios permeáveis, nos quais as excitações externas e internas passariam sem deixar vestígios e, tampouco, mudanças. Já o segundo grupo, o sistema de neurônios impermeáveis, seria constituído de neurônios de mesma denominação, cujas barreiras de contato pudessem ser sentidas, permitindo a passagem de pequenas quantidades de excitação intercelular. De acordo com Freud, “os dessa última classe podem, depois de cada excitação, ficar num estado diferente do anterior, fornecendo assim *uma possibilidade de representar a memória*” (FREUD, 1895, p. 409, grifo do autor). Ao elaborar essas distinções, ele afirma, então, que

existem neurônios *permeáveis* (que não oferecem resistência e nada retêm), destinados à percepção, e *impermeáveis* (dotados de resistência e retentivos de [quantidade]), que são portadores da memória e, com isso, provavelmente também dos processos psíquicos em geral (FREUD, 1895, p. 409, grifo do autor)².

Observa-se, portanto, que os neurônios impermeáveis “ficam permanentemente alterados pela passagem de uma excitação” (FREUD, 1895, p. 409). Conforme explica o teórico, tal excitação corresponde ao processo de catexia, ou seja, de investimento tanto intercelular quanto proveniente do mundo externo. Desse modo, a alteração dos neurônios consiste na existência de um “re-aprender baseado na memória” que permite, às barreiras de contato, ficarem menos impermeáveis, possibilitando, ainda, a existência daquilo que Freud denomina de *facilitação* (FREUD, 1895, p. 409). Assim, verifica-se que a memória é, na verdade, a representação das facilitações vivenciadas pelo sistema de neurônios impermeáveis. A permanência da representação de experiências na memória está condicionada pela impressão que elas causaram no momento em que aconteceram e pela frequência com que se repetem.

Ao contrário do que se poderia imaginar, o tempo é capaz de contribuir para a fixação das experiências do indivíduo em sua memória. Isso se deve à reação que se tem frente a uma experiência vivenciada. Portanto, para algumas experiências o tempo pode liquidar a sua existência, enquanto que para outras ele pode funcionar como um intensificador em relação à sua presença e à sua influência. O registro dessas vivências é o que diferencia cada ser humano, visto que cada indivíduo tem comportamentos distintos diante das situações às quais é exposto. Da mesma forma, o que se esquece ou o que se pensa ter esquecido influencia em sua constituição enquanto ser humano, na medida em que também pode revelar características particulares desse ser.

As sensações e as emoções apresentadas pelo homem diante de determinado objeto são condicionadas pelas lembranças que ele possui. Izquierdo constata que a “forma de pensar, de agir, de planejar e de realizar o futuro” é diretamente influenciada por aquilo que se sabe, ou seja, aquilo de que se lembra (IZQUIERDO, 2004b, p. 12). A memória desempenha, assim, um papel fundamental na continuidade da existência, pois as informações que o indivíduo retém sobre experiências do passado orientam-no no momento em que ele percebe o mundo ao seu redor e necessita posicionar-se diante das situações vividas.

O teórico francês Henri Bergson aponta a memória como sendo “o ponto de interseção entre o espírito e a matéria” (2006, p. 05). O problema central das investigações por ele propostas é a possibilidade ou não de se interligar corpo e espírito. Para isso, o estudioso

² O texto original de Freud contém vários símbolos que representam os neurônios e os sistemas a que pertencem, assim como as cargas que transitam pelos neurônios. A edição que está sendo utilizada neste trabalho manteve esses símbolos, criando uma legenda na introdução. Entretanto, nessa investigação, serão utilizados os significados daqueles símbolos entre colchetes, como no caso do termo “quantidade”.

desenvolve um raciocínio acerca das percepções que o indivíduo – a quem denomina “meu corpo”³ – tem do mundo externo e das lembranças que estariam localizadas no mundo interno desse corpo. Tal interligação ocorreria, precisamente, para preparar a ação do indivíduo – “meu corpo” – que garantiria a sua continuidade no fio do tempo. A necessidade de se explicar essa união se dá, essencialmente, a fim de se buscar o conhecimento da essência da existência humana e, sob essa perspectiva, o surgimento da memória como meio pelo qual se efetivaria a união faz com que o ato de recordar adquira expressiva relevância.

Bergson, ao discutir a constituição e a formação da imagem e da percepção, verifica que “convém não esquecer que, em todos os estados psicológicos [...], a memória desempenha o papel principal” (2006, p. 42). Infere-se, portanto, que, se houver qualquer alteração no sistema responsável pela aquisição, retenção e evocação de memórias, isso afetará o desenrolar da vida do indivíduo. Quando o investimento de uma memória tem sua quantidade excessivamente aumentada, a reação do organismo é provocar a dor. Freud observa que “todos os dispositivos de natureza biológica têm um limite de eficiência e falham quando um limite é ultrapassado”, sendo a dor a reação a essa falha (1895, p. 417). Julga-se, desse modo, que a presença constante de uma recordação interfira nas ações do indivíduo de modo a fazer com que ele perca a noção de realidade, visto os estímulos externos ficarem reduzidos em relação aos estímulos intercelulares dos quais provém a rememoração. Por isso, a compreensão dos mecanismos da memória e de sua influência na trajetória dos indivíduos parece ser fundamental para a manutenção de uma condição humana saudável.

1.1 Memória: um mecanismo desencadeador da ação

Como já se referiu anteriormente, para investigar a manifestação da memória, Henri Bergson aborda uma questão amplamente discutida no meio científico e filosófico do século XIX, a qual envolve psicologia e metafísica: a compreensão da existência humana a partir da possibilidade ou não de haver um meio de interligação entre o corpo e o espírito. As discussões acerca desse tema dividem grande parte dos teóricos em materialistas e espiritualistas, e as investigações a que ambos os lados se propõem levam a concluir que não

³ As aspas são utilizadas como um modo de deixar claro que o pronome possessivo “meu” não se refere a uma primeira pessoa; é apenas um termo utilizado pelo autor para identificar as pessoas com relação à sua

há possibilidade de contato entre corpo e espírito. De modo a estabelecer um raciocínio no que se refere às suas teses, para a elaboração de um conceito que torne possível a conexão entre matéria e espírito, o teórico apresenta as noções teóricas criadas e difundidas por estudiosos que o antecederam. Ele afirma que os outros especialistas que se debruçam sobre esse assunto, como realistas e idealistas, ora consideram somente a possibilidade de tudo provir da matéria e de tudo estar na matéria, ora admitem apenas que tudo provém do espírito e que tudo está localizado no espírito.

Com vistas a superar os paradigmas de seus predecessores, Bergson expõe o problema da interação entre corpo e alma “em função de imagens, e somente de imagens” (BERGSON, 2006, p. 21). Tudo o que existe, tanto na interioridade quanto na exterioridade, segundo ele, não é outra coisa senão imagem. Isso inclui aquilo que cada indivíduo denomina como “meu corpo”. Toda a matéria é imagem. Contudo não há imagem se não houver, pelo menos, em um primeiro momento, matéria – objeto –, do mesmo modo que uma imagem não pode criar outra; somente pode-se identificar uma ação possível da imagem que se denomina “meu corpo” sobre as imagens que a rodeiam. Da mesma forma como se pode identificar as ações possíveis de outras imagens sobre “meu corpo”. A criação desse elemento – a imagem – retira a análise do reducionismo dualista provocado pelas teorias anteriores e permite que se considere a interligação entre corpo e alma como algo realmente possível, na medida em que confere certa semelhança a esses dois elementos extremos.

O processo pelo qual uma imagem percebe outra é denominado percepção. Esta, no momento em que é concebida, chama-se percepção pura, pois não é influenciada por nenhum outro elemento; porém ela somente pode ser considerada como recurso teórico, pois, na prática, não é possível se comprovar sua existência. Assim que uma imagem é percebida, instituindo-se, desse modo, a percepção, outro elemento é acionado, a saber, a memória. Alojadas no espírito, as lembranças são ativadas no momento em que houver uma semelhança entre alguma delas e a percepção presente. Verifica-se que tudo gira em torno de uma ação nascente ou possível, pois, de acordo com o teórico, as lembranças somente são armazenadas para que se tornem úteis a alguma ação de “meu corpo”. Bergson (2006) observa, ainda, que, enquanto permanecem armazenadas, as recordações são ditas puras, exatamente por não sofrerem influência de outros elementos. Contudo, à medida que elas se aproximam da realidade, a percepção que as ativou se mistura a elas, e, então, já não se tem lembranças

puras, mas apenas lembranças, assim como deixará de haver uma percepção pura, passando a existir somente uma percepção. Conforme esclarece o teórico:

não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples “signos” destinados a nos trazerem à memória antigas imagens (BERGSON, 2006, p. 30, grifo do autor).

Vê-se não ser possível distinguir os limites entre lembrança e percepção, e é por isso que se observa ser a segunda “uma espécie de visão interior e subjetiva”, pois é, a todo o momento, impregnada de recordações (BERGSON, 2006, p. 31). No que se refere à constituição da percepção e da lembrança, cabe ressaltar que há uma diferença de natureza, e não de grau, entre ambas, pois aquela está nos objetos (imagens) que percebo, e não em “meu corpo”, como sugerem os idealistas. A percepção não faz parte de “meu corpo”, pois as imagens não estão dentro dele, visto que ele é também imagem, apenas uma parte do todo. Ao contrário, a lembrança, que não é nada mais do que a representação de uma imagem do passado, está em “minha pessoa” e é ativada na medida em que “meu corpo” percebe imagens presentes e se prepara para ações.

De acordo com Bergson (2006), se a percepção que “meu corpo” tem é, em certa medida, subjetiva, isso significa que ela depende das escolhas que o corpo faz, através de seu sistema sensorio-motor. Assim, “meu corpo” constitui-se em um centro de indeterminação e, portanto, quando ele percebe, não é a imagem de todo o universo que capta, mas apenas aquela que lhe interessa naquele determinado instante. Essa escolha de imagens é, também, determinada pela memória que está alojada no espírito. A percepção da imagem e o acionamento das rememorações parecem acontecer de forma quase simultânea, como se fossem fios entrelaçados em um pedaço de tecido.

A simultaneidade observada revela, na verdade, a indissolubilidade entre a percepção das imagens, que está nelas próprias, ou seja, no externo, e a ativação/utilização das memórias, que fazem parte da experiência concreta e individual, que é, de fato, própria do interno. A relação que se estabelece entre “meu corpo” e o universo não é mais, segundo Bérson (2006), considerada pela dicotomia dentro/fora, visto que tudo é imagem, incluindo-se “meu corpo”. Dessa forma, o que se estabelece é uma conexão entre imagens que acontece

em função de um progresso temporal – sucessão de eventos. Nessa passagem do tempo, há uma sequência de percepções que acontecem e que se modificam a todo instante.

É por meio da percepção que surge a memória e é através dela que a aparente confusão, entre os dados da experiência imediata e os dados da experiência vivida, desfaz-se. Há que se considerar, novamente, que é a indeterminação de “meu corpo” que proporciona essas relações, haja vista ser ela a determinadora das imagens a serem percebidas e, conseqüentemente, das memórias a serem ativadas. Essa seleção de imagens passa por aquilo que Bérghson (2006) denomina percepção consciente, ou seja, é o discernimento prático da consciência que determina aquilo que é relevante e que deve, portanto, ser rememorado.

Uma vez constatado que, quando se isola, por um momento, a percepção da memória, verifica-se a existência da percepção pura, observa-se que essa percepção não provém de “meu corpo” para, a seguir, dirigir-se a outros corpos. Na verdade, ela está no conjunto dos corpos – matérias – de início e, somente aos poucos, se reduz, adotando “meu corpo” como centro. Isso acontece, exatamente, por esse corpo ter experienciado a dupla faculdade de efetuar ações e de experimentar afecções. Essa imagem que se torna central, “meu corpo”, tem à sua disposição as outras imagens dispostas ao seu redor – já na ordem em que podem sofrer sua ação – e, ao mesmo tempo, acessa seu íntimo através de sensações afetivas. O teórico constata que

há portanto, no conjunto das imagens, uma imagem favorecida, percebida em sua profundidade e não apenas em sua superfície, sede de afecção ao mesmo tempo que fonte de ação: é essa imagem particular que adoto por centro de meu universo e por base física de minha personalidade (BERGSON, 2006, p. 64).

Ao constatar que a percepção traz à tona elementos do passado guardados pela memória, o filósofo pergunta em que se constituem esses elementos e verifica que, na verdade, eles são também imagens, mas, devido à distância no tempo, são imagens de objetos já ausentes. A resposta a esse questionamento anterior provoca um outro: qual a diferença entre as imagens presentes que percebo e as imagens do passado trazidas pela memória? O teórico afirma que aquilo que diferencia a “imagem presente, enquanto realidade objetiva, de uma imagem representada é a necessidade em que se encontra [aquela] de agir por cada um de seus pontos sobre todos os pontos das outras imagens” (BERGSON, 2006, p. 33). A imagem-

presente é ativa e tem sua matéria correspondente em tempo real, enquanto que a imagem-lembrança do passado é impotente se não for atualizada dentro de uma percepção.

A memória parece configurar-se como a base para a concretização das percepções. Ela funciona como se costurasse as percepções para formar um conjunto de elementos que culminarão na ação. Nesse ponto da investigação, visto que a análise empreendida por Bergson transita entre a metafísica e a psicologia, julga-se importante observar que, para o teórico francês, os princípios da primeira não podem ser dissociados da eficiência da última. Segundo ele, a interligação entre esses elementos constitui a consciência, que é uma forma da ação do espírito na matéria. Para que o espírito atue na matéria, é essencial a presença da memória na estrutura que compõe a consciência. No que tange à metafísica, a memória representa uma linha de costura que alinhava os conteúdos da percepção que resultam, então, em uma continuidade das coisas. Já no que concerne à psicologia, a memória representa um encadeamento de escolhas que, tendo feito parte de uma indeterminação inicial, organizam-se numa determinação particular, individual que é, na verdade, a subjetividade. Nas palavras do teórico:

enquanto [a memória] recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata, e enquanto também contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas. (BERGSON, 2006, p. 31).

O sistema sensório-motor de “meu corpo” é o local onde as percepções produzem o efeito que impelirá esse corpo à ação. Quando o estímulo é muito intenso, fazendo com que a percepção predomine sobre o sistema sensório-motor, essa percepção se transforma em afecção. Bergson relata que, “num organismo como o nosso, as fibras ditas sensitivas são exclusivamente encarregadas de transmitir excitações a uma região central de onde o estímulo se propagará por elementos motores” (2006, p. 56). Enquanto o sistema motor desse organismo move-se para escapar a um perigo ou para reparar perdas, o sistema sensitivo permanece imóvel, condenado a captar os estímulos. Assim, nasce a dor, que figura aqui como “um esforço do elemento lesado para repor as coisas no lugar – uma espécie de tendência motora sobre um nervo sensitivo. Toda dor consiste portanto num esforço, e num esforço impotente” (BERGSON, 2006, p. 57).

A indeterminação de “meu corpo” – já citada no decorrer deste trabalho investigativo – permite que, ao receber excitações exteriores, esse corpo manifeste reações imprevistas. Deve-se atentar, porém, para o fato de que as escolhas das reações não são feitas ao acaso, aleatoriamente. É incontestável que essas escolhas são inspiradas em experiências pregressas e que a reação provocada está ancorada em lembranças de situações análogas acontecidas no passado e que vão até o limite onde a ação presente de “meu corpo” inicia-se. Essa indeterminação do que se tem a cumprir não pode ser confundida com o puro capricho e, por isso, existe a necessidade de que imagens percebidas no passado sejam conservadas.

Incorpora-se, então, a memória à percepção, pois se observa que não há como se avançar ao futuro sem que se tenha uma perspectiva correspondente sobre o passado, e constata-se que, conforme se caminha para o futuro, fica atrás um vazio que deverá ser preenchido pelas lembranças. Conforme Bergson afirma, “a memória é assim a repercussão, na esfera do conhecimento, da indeterminação de nossa vontade” (2006, p. 68). A memória é capaz de misturar o passado ao presente e de condensar vários momentos distintos, de durações também distintas, em uma única intuição, fazendo com que se pense estar a matéria em “nosso corpo”, quando, de fato, ela é percebida nela própria.

Em se tratando de recordações, verifica-se que a sobrevivência de experiências passadas acontece de duas formas distintas. A primeira constitui-se em mecanismos motores de “meu corpo” que são voluntários, enquanto que a segunda corresponde às lembranças independentes. O exemplo dado pelo filósofo – acerca da recordação de uma lição, por parte de um indivíduo – é pertinente na medida em que permite compreender, claramente, o que distingue uma da outra. A lembrança dessa lição enquanto decorada possui as características de um hábito que se adquire pela realização de um esforço e, assim como o hábito, ela tem de ser decomposta de início, para ser recomposta ao final, tendo-se, então, a ação por inteiro. Essa lembrança se transforma em uma série de movimentos automáticos que se sucedem, seguindo uma mesma sequência e ocupando uma mesma duração de tempo, pois é armazenada em um mecanismo de “meu corpo” que estimula por completo o primeiro impulso.

No que se refere à lembrança de uma leitura particular da lição dada, de acordo com Bergson (2006), não há característica alguma de hábito que a constitua, pois sua imagem surgiu de imediato na memória, visto que as outras leituras são, por definição, lembranças diferentes dessa. A lembrança de cada leitura distingue-se uma da outra, porque, a cada leitura, o sujeito está mais proficiente, de modo que a leitura é realizada cada vez melhor. É possível comparar essas lembranças a qualquer outro acontecimento da vida, pois estão

marcadas em um tempo e em um espaço e, dessa forma, não podem repetir-se. Além disso, a lembrança de uma leitura pode ser comprimida ou estendida conforme a necessidade do centro de indeterminação – “meu corpo” – com o qual “meu espírito” interage. Em um instante, pode-se relembrar toda a ideia que perpassava a lição, assim como se pode passar horas observando cada detalhe dessa lembrança.

Segundo Bergson (2006), essas imagens-lembranças, consideradas espontâneas, excedem largamente a quantidade de lembranças adquiridas de modo voluntário, aquelas tornadas hábitos. A todo o momento, são registradas pela memória experiências únicas, que se realizam, e imagens únicas, também, que são captadas no espaço de tempo que o teórico denomina duração – na vida. Depois de terem escolhido seu caminho com propriedade, os nervos aferentes levam à massa cerebral um estímulo que se transmite a mecanismos motores, criados pela repetição da ação. Assim é produzido o equilíbrio, a reação adequada para determinado momento. Ao mesmo tempo em que ocorre esse processo de transformação do passado em hábitos motores, a consciência conserva a imagem das situações que, sucessivamente, aconteceram a ela.

Caso a consciência, conforme o teórico verifica, em determinado momento, não descartasse todas aquelas imagens que não se acomodam à percepção atual, guiada para o movimento útil, possivelmente sonho e realidade se misturariam. De fato, observa-se que um desequilíbrio entre tais mecanismos motores de adaptação e a quantidade de lembranças retidas na consciência pode ocorrer quando houver uma exaltação destas. Constata-se, ainda, que há certa independência dessas lembranças em relação à vontade do “meu corpo”. Talvez, por isso, seja necessário que mecanismos motores substituam a imagem espontânea por outra que já se transformou em hábito, a fim de manter certo equilíbrio.

O excesso de lembranças espontâneas é contido no momento em que a percepção executa o processo de reconhecimento dessas imagens, pois, desse modo, a consciência verifica quais terão utilidade e quais deverão ser descartadas. Porém, isso somente acontece, como já foi esclarecido, na medida em que a imagem primitiva é evocada pelo estado atual que lhe é semelhante. Essa semelhança necessária é uma relação que o espírito estabelece entre termos por ele reaproximados. Segundo Bergson, “em geral é a percepção presente que determina a orientação de nosso espírito; mas, conforme o grau de tensão que o nosso espírito adota, conforme a altura onde se coloca, essa percepção desenvolve em nós um número maior ou menor de lembranças imagens”; ou seja, tal percepção reconhece determinada quantidade de lembranças (2006, p. 120). Ao reconhecer essas imagens do passado, a percepção, na verdade, impele-as ao movimento, à ação, no momento presente, para fazer uso de sua

experiência. É relevante observar a necessidade de um coadjuvante motor do corpo para que esse processo de atualização da memória se concretize. Há, aí, um instante de interseção entre a matéria e o espírito, que se dá devido ao fato de “meu corpo” ser colocado na matéria pela percepção pura, e em virtude de que ele penetra no espírito, no momento em que entra em contato com a memória.

Deve-se salientar que o corpo não é um depósito de memórias; sua relação com elas se dá pelo fato de ser ele quem escolhe quais lembranças devem emergir na consciência, justamente por poder conferir-lhes uma utilidade na ação real que se apresenta. A escolha não é rigorosa e inflexível, uma vez que as experiências do passado têm um caráter individual e não comum entre os corpos. Desse modo, muitas experiências distintas podem ser encaixadas por um indivíduo em uma mesma situação presente. Observa-se, aqui, certa liberdade do espírito com relação à natureza, embora a orientação da consciência para a ação seja predominante na vida psicológica. Assim, segundo aquilo o que é estabelecido Bérghson (2006), confirma-se que a memória não pode ser uma emanção da matéria – é preciso lembrar que “meu corpo” também é matéria –, e que, com efeito, é a matéria que parece derivar, em grande parte, da memória, a qual é ativada por uma percepção concreta e ocupa certa duração de tempo.

A impossibilidade de se estabelecer uma relação do corpo com o espírito nas teorias dualistas reside em dois posicionamentos assumidos por essas correntes no que concerne aos referidos elementos. O primeiro desses posicionamentos consiste no fato de essas teorias considerarem a matéria como divisível em sua essência. Já o segundo deles consiste na noção de que todo estado de alma é rigorosamente inextenso. Nessa configuração, segundo os dualistas, não se poderia estabelecer contato entre corpo e espírito. Bergson (2006) analisa esses postulados e observa que os conceitos revelados por eles não são claramente compreendidos pelas teorias em questão. Segundo o filósofo, “no que concerne à matéria, [existe] uma confusão da extensão concreta e indivisível com o espaço divisível que a subtende [sic], como também, no que concerne ao espírito, [existe] a idéia ilusória de que não há graus nem transição possível entre o extenso e o inextenso” (2006, p. 259). Essa confusão não permite que se estabeleça qualquer ponto de encontro entre o corpo, que é extenso e divisível, e o espírito, que é inextenso e indivisível.

Orientada em sentido contrário àquele adotado pelos dualistas, a tese de Bergson (2006) contempla a possibilidade de contato entre corpo e espírito, exatamente no momento em que se dá a percepção pura, quando esse espírito se unirá à matéria, mesmo que suas diferenças sejam consideráveis. A questão não é encontrar semelhanças entre os dois

elementos, mas instantes em que cada um, com suas características, pode completar o outro para que se alcance um objetivo maior: a preparação do corpo para a ação seguinte, ou seja, para o futuro. Na extensão do tempo, o momento presente não pode ser separado dos momentos passados e do que se espera do futuro, pois o movimento presente tem sua preparação nas experiências passadas que busca na memória, e esse movimento está voltado para o futuro, para uma ação nascente. A essência dessa ação está na necessidade de “meu corpo” de fazer escolhas. A escolha implica em mudanças, isto é, em sucessões de percepções responsáveis por ativar memórias, que são representações de imagens e que conferem um caráter de realidade ao progresso das ações. A memória, que traz à tona as experiências vividas, insere as ações no campo da realidade.

A percepção, de acordo com Bergson (2006), é uma resposta ao futuro, é o início do processo que vai desencadear na ação que marcará, por seu turno, a passagem do tempo (presente, passado, futuro). A ação consciente delimita o campo de imagens da minha percepção exatamente pela capacidade que “meu corpo” tem de escolher. Assim, vai-se da visão de todas as imagens do universo àquelas que realmente interessam ao centro de indeterminação, “meu corpo”. A percepção universal restringe-se até chegar à percepção individual, ainda no que diz respeito ao campo da objetividade. É como se houvesse um elemento objetivo interno e um externo. O campo objetivo interno corresponde àquelas imagens que “meu corpo” percebe e que são, portanto, fruto das escolhas que ele faz. Já a memória é, de certa forma, o meio no qual a subjetividade de “meu corpo” aflora, e é na interligação entre essa memória e o campo objetivo interno que está a psicologia individual.

Toda a movimentação e interação que se dá entre o corpo e o espírito realiza-se em função do *devoir*; em outras palavras, o *devoir* interfere na escolha das memórias que prepararão o corpo para a ação que, por sua vez, representará a continuidade, a sucessividade do passado ao presente, sempre com vistas ao futuro. Então, se, conforme Bergson analisa, não existe um limite expresso entre o passado e o presente; se a memória está no passado, surgindo no presente de forma virtual apenas – enquanto a percepção está no presente – e, se, ainda, a memória indica certa subjetividade, pois está alojada no espírito – enquanto que a percepção está na matéria –, pode-se chegar à seguinte conclusão: não há como separar matéria e espírito no *devoir*; ao contrário, é sua fusão que permite a continuidade de “meu corpo” no *devoir*, na passagem do tempo.

Observando essa conclusão, torna-se pertinente ressaltar uma definição elaborada pelo estudioso francês no que se refere a “meu corpo”: “nosso corpo não é nada mais que a parte invariavelmente renascente de nossa representação, a parte sempre presente, ou melhor,

aquela que acaba a todo momento de passar” (BERGSON, 2006, p. 177). Essa descrição demonstra a mobilidade exercida por aquilo que se denomina “meu corpo”. Tal mobilidade, contudo, não é exercida no espaço, ela possui como pano de fundo a expressão temporal, e, nessa configuração, o único elemento capaz de apreender o tempo é a memória. A relevância da memória para a relação da matéria com o espírito reside exatamente nessa capacidade de trazer o passado, por meio das lembranças, ao presente, pela necessidade que se tem de preparar “meu corpo” para as ações subsequentes. E, ainda, é a necessidade de agir que conduz esse corpo ao longo do fio temporal, elaborando, desse modo, uma duração particular que corresponde a ele. Essa necessidade de agir impele a matéria ao movimento.

Assim, através das teses de Bergson, pode-se verificar que a interligação do corpo com o espírito é fundamental para o prosseguimento da vida. É essa relação que distingue os seres humanos de outros seres vivos. É por meio de tal conexão que o indivíduo tem condições de crescer, de evoluir, pois é capaz de processar o conhecimento a que está exposto no dia-a-dia. Além disso, não se deve esquecer que é a memória a responsável por essa relação, e que sua existência é, portanto, crucial no que se refere à manutenção da atividade humana.

1.2 Lembranças que perturbam a ação

Mesmo tendo elaborado algumas considerações acerca da constituição neurofisiológica da memória quando da produção do *Projeto para uma psicologia científica* (1895), Sigmund Freud não tem um conceito formado sobre o termo “memória”. A análise a que ele se dedica no que se refere ao mecanismo mnêmico concentra-se em seus efeitos na psique humana. Para tanto, ele investiga a interferência das lembranças do passado nas atitudes do presente, estabelecendo o conceito de “lembranças encobridoras”. Como o próprio termo já sugere, trata-se de lembranças de experiências que encobrem outras experiências. Verifica-se que esse “encobrimento” pode ocorrer de duas formas: recordações mais antigas encobrem acontecimentos recentes, ou, ao contrário, memórias recentes encobrem eventos mais longínquos no tempo.

Em se tratando de memória, o psicanalista explica em seu projeto que, “segundo o conhecimento psico[lógico], a memória de uma experiência (isto é, sua força eficaz contínua) depende de um fator que se pode chamar de magnitude de impressão e da frequência com que a mesma impressão se repete” (FREUD, 1895, p. 410). A mesma ideia é reforçada em seu

texto intitulado *Lembranças encobridoras*: “quando consigo lembrar um acontecimento por muito tempo após sua ocorrência, encaro o fato de tê-lo retido na memória como uma prova de que ele causou em mim, na época, uma profunda impressão” (FREUD, 1899, p. 287). Isso significa que apenas fica guardado o que é de interesse do sujeito, mesmo que, conscientemente, ele não possa afirmar a relevância de tal lembrança.

Para Freud, os mecanismos da memória envolvem duas forças psíquicas que são contrárias, mas que procuram uma conciliação. Nesse sentido, ele estabelece a seguinte organização:

essas duas forças opostas não se anulam mutuamente, nem qualquer delas predomina (com ou sem perda para si própria) sobre a outra. Em vez disso, efetua-se uma conciliação, numa analogia aproximada com a resultante de um paralelogramo de forças. E a conciliação é a seguinte: o que é registrado como imagem mnêmica não é a experiência relevante em si – nesse aspecto prevalece a resistência; o que se registra é um outro elemento psíquico intimamente associado ao elemento passível de objeção – e, nesse aspecto, o *primeiro* princípio mostra sua força: o princípio que se esforça por fixar as impressões importantes, estabelecendo imagens mnêmicas reproduzíveis. (FREUD, 1899, p. 290)

Esse funcionamento permite observar que há um elemento recalcado substituído por algo semelhante. A existência desse mecanismo de resistência dá-se em função de um conflito, visto que “o sistema nervoso tem a mais decidida propensão a fugir da dor” (FREUD, 1895, p. 417). Assim, uma situação conflitiva provoca uma defesa contra as ideias ou lembranças, mas os motivos que suscitaram essa defesa recusam-se a ser reprimidos, tendo como resultado uma conciliação na qual outras passagens inocentes da existência do indivíduo vêm a tona. Essa sucessão de processos – conflito, recalque e substituição envolvendo uma conciliação – “retorna em todos os sintomas psiconeuróticos” e é a chave para que se compreenda sua formação (FREUD, 1899, p. 291).

No que concerne ao sistema neuronal – local onde ocorrem as trocas de energia que permitem que os processos de recalque e substituição se realizem, Freud (1895) afirma que, quando uma energia muito intensa tenta ser catexizada em um determinado neurônio, pode ocorrer um bloqueio de tal catexia. Segundo ele, a energia que deveria ser direcionada a um determinado neurônio é desviada para outro, provocando o que o teórico denomina de “catexia colateral”. Para elaborar tal raciocínio, o psicanalista estabelece o ego como sendo constituído por essa rede de neurônios:

Imaginemos o ego como uma rede de neurônios catexizados e bem facilitados entre si [...]. Suponhamos que uma [quantidade de magnitude intercelular] penetrasse no neurônio *a* vindo do exterior [sistema de neurônios permeáveis], então, se não fosse influenciada, ela passaria para o neurônio *b*; mas ela é tão influenciada pela catexia colateral $\alpha - \alpha$ que libera apenas uma fração para *b*, e talvez nem sequer chegue todo a *b* (FREUD, 1895, p. 438, grifo do autor).

Ao considerar-se a existência da estrutura de recalque e de substituição, surge a necessidade de se esclarecer como se estabelece o conflito que faz com que as recordações de determinadas experiências sejam recalçadas por um dos sistemas. A explicação elaborada por Freud sobre a experiência da dor, no que diz respeito às imagens mnêmicas, parece trazer luz à questão, visto que não seria lógico que o sistema psicológico repreendesse a memória de uma experiência provocadora de satisfação ou de prazer no momento de sua aquisição ou de sua evocação. Primeiramente, verifica-se que a dor aciona tanto os neurônios permeáveis – responsáveis pela percepção – quanto os impermeáveis – destinados à memória –, não havendo coisa alguma que bloqueie sua condução. Ela se constitui em um processo que impera no sistema psicológico do indivíduo. Esse mecanismo da dor pode se manifestar em todos os sistemas que envolvem a psique humana.

No que tange às sensações de desprazer provocadas por uma imagem mnêmica, observa-se que a dor produz um aumento de quantidade de excitações intercelulares, ou seja, no nível interno, visto que o objeto hostil já não está ao alcance da percepção. Essa intensificação das excitações faz com que os neurônios se sobrecarreguem, necessitando, então, de uma descarga. Em tal processo, quando a imagem recordada do objeto agressivo é investida repetidas vezes – por percepções semelhantes, por exemplo – surge um estado que se assemelha ao da dor. A catexia recorrente nas imagens mnêmicas libera a sensação de desprazer que surgiu quando do primeiro contato com esse objeto hostil, retransmitindo essas sensações aos neurônios impermeáveis – aqueles responsáveis por armazenar a memória. Da mesma forma, lembranças que se tornaram dolorosas depois de algum tempo, já que no momento do primeiro contato com o objeto não havia ocorrido liberação de desprazer, também são orientadas pela mesma estrutura de manifestação da dor. Para tanto, surge, então, o mecanismo de recalque e de substituição para evitar que o indivíduo reviva a experiência dolorosa.

Freud, observando o embate entre as forças opostas de resistência e de manifestação, questiona-se sobre a veracidade das memórias, e assevera que “em geral não há nenhuma garantia quanto aos dados produzidos por nossa memória” (FREUD, 1899, p. 298). Com

efeito, o mecanismo acima descrito deixa surgir no consciente apenas uma situação ou experiência análoga àquela que, realmente, tentou fazer-se notada e que acaba permanecendo no inconsciente. O estudioso pergunta se não serão, então, fantasias algumas das experiências que se julga serem memórias, esclarecendo, a seguir, que, na verdade, normalmente, nem todos os elementos que compõem as fantasias e as experiências são correspondentes, caso contrário não haveria sentido em uma lembrança antiga encobrir uma mais recente. Da mesma forma, há sempre algum elemento na lembrança mais antiga que a segura à realidade, mesmo que existam outros elementos que, em uma análise superficial, parecem apenas fruto de delírios ou de fantasias. O que as torna lembranças falsas aos olhos leigos é o fato de os acontecimentos serem deslocados no tempo e no espaço, parecendo incoerentes, mas “a investigação detalhada mostra, antes, que esses falseamentos das lembranças são tendenciosos – isto é, que servem aos objetivos de recalque e deslocamento de impressões abjetáveis ou desagradáveis” (FREUD, 1899, p. 304).

Em muitos casos, a camuflagem que a experiência encoberta recebe é do período da infância, porque, como se trata de um período de inocência, aparentemente, será mais fácil à experiência chegar à consciência sem provocar dor. Porém, as lembranças infantis mostram os primeiros anos de vida não como realmente aconteceram, mas como parecem aos olhos de quem os enxerga posteriormente. Desse modo, essas lembranças não emergem; elas se formam na época em que são relembradas, sendo vários os motivos que participam tanto de sua formação quanto de sua seleção, não se verificando preocupação alguma com a precisão histórica.

Observa-se, por fim, que a memória desempenha um papel de extrema importância no sentido de organizar a existência do indivíduo. Contudo, uma vez que esse mecanismo está em desajuste, devido a influências tanto externas quanto internas, toda a existência daquele ser fica modificada. A intensidade e a frequência com que as lembranças encobridoras surgem no dia-a-dia são capazes de provocar estados de desequilíbrio no indivíduo, que pode acabar reduzindo sua existência a lembranças passadas, as quais ele não compreende e das quais não consegue desfazer-se, enquanto seu presente passa despercebido. Do mesmo modo, o imbricamento dessas lembranças incompreendidas do passado nas situações deparadas no momento atual – que perturba o prosseguimento desse ser no *devir* – faz com que ele tenha reações adversas.

2 OS RATOS: MEMÓRIA E (IN)AÇÃO

A inserção de um indivíduo em uma determinada sociedade está diretamente submetida à influência que o mecanismo mnêmico exerce na trajetória desse ser, e o conjunto de memórias, que é próprio a cada um, confere individualidade aos homens, visto que a interferência exercida pelas recordações diferencia-se de indivíduo para indivíduo. Norberto Bobbio, filósofo político italiano, reforça essa orientação ao dizer que “somos aquilo que lembramos”, ou seja, as recordações que povoam a mente do ser humano determinam quem ele é perante si próprio e perante a sociedade que o cerca (BOBBIO, 1997, p. 30). Sob essa perspectiva, considera-se que, assim como todo e qualquer indivíduo é influenciado pelas vivências passadas, um escritor também está constantemente em contato com as situações vividas na sua existência, permitindo-se, muitas vezes, utilizar essas recordações como fonte de inspiração para o trabalho artístico. A gênese da obra *Os ratos*, publicada em 1935, pode representar um desses momentos nos quais a memória do artista é reelaborada, servindo, talvez, como recurso para uma narrativa de cunho ficcional.

Dyonelio Machado relata, em uma das entrevistas¹ que concedeu ao longo de sua vida – e que se encontra reunida, juntamente com as demais na obra *O cheiro de coisa viva*, organizada em 1995 por Maria Zenilda Grawunder –, como lhe surgira a ideia para sua narrativa, que, de início, constituiu-se apenas de um conto. Nas primeiras décadas do século XX, após a Primeira Guerra Mundial, o jovem Dyonelio havia retomado seus estudos na cidade de Porto Alegre, e sua mãe costumava visitá-lo na capital. Em uma dessas visitas, ela se queixou de ter sofrido de insônia na noite anterior, e contou que ficara receosa de que ratos roessem o dinheiro que estava debaixo da panela do leite, quantia reservada para o pagamento do leiteiro. O então aspirante a escritor impressionou-se com aquilo que denominou “trivial dramático”; emocionou-se com o drama da mãe, pois sabia que qualquer dinheiro obtido por ela provinha de muito esforço, sendo, portanto, muito importante, o que explicava o medo de que os roedores consumissem com as cédulas de papel. Essa história permanece na mente de Dyonelio Machado por muitos anos, até que, um dia, ele a relata a Erico Verissimo, escritor que o incentiva a escrever um romance baseado em tal fato para participar de um concurso da Companhia Editora Nacional. Devido ao curto prazo de entrega dos trabalhos, o escritor

¹ COSTA, Flávio M. Grandezas e misérias de Dyonelio Machado, o centauro dos pampas. *Escrita*. São Paulo, n. 7, 7 mar.1976, p. 3-5.

quaraiense tem de escrever sua narrativa em 20 noites apenas. Em outra de suas entrevistas², o autor resume todo o processo de elaboração daquela que é considerada sua obra-prima, utilizando-se de um pensamento de Honoré de Balzac, no qual este “se refere a escritores que têm seus livros no ventre”. O romancista comenta:

Os ratos foi escrito em vinte noites, por haver um prazo de entrega dos originais. Qualquer trabalho literário tem uma fecundação, que, como fecundação, é sempre rápida (e no caso foi uma conversa com aquela senhora), uma gestação, que, como gestação, é sempre longa (foi o período de nove anos em que elaborei o romance) e um parto, que embora laborioso, também é rápido (foram as vinte noites em que o escrevi) (GRAWUNDER, 1995, p. 23).

Surge, assim, o romance que relata a trajetória de um “pobre-diabo”, Naziazeno Barbosa, oriundo das camadas humildes da sociedade brasileira, que vivenciava um novo momento, o processo de urbanização. Ele é um pequeno funcionário público que saíra do interior do Rio Grande do Sul para a capital do estado, Porto Alegre. O protagonista, sua esposa Adelaide e o filho de ambos vivem de forma precária, excluídos da engrenagem econômica que se instala no Brasil na década de 1930. Até mesmo suas relações interpessoais são influenciadas por essa nova ordem social, que, para famílias como a de Naziazeno, apresenta-se esmagadora. À medida que é colocado à prova, na convivência com sujeitos que possuem vida social ativa, como proprietários ou comerciantes, ele se sente intimidado e impotente, e, em meio a esse processo, vê-se obrigado a recorrer ao auxílio de outros homens, que assumem o papel de intermediários nas várias transações realizadas, as quais servem ao objetivo imediato de conseguir uma quantia monetária para saldar uma dívida com o leiteiro. Entretanto, ao quitar essa pendência, ele elimina apenas uma de suas preocupações, uma vez que teve de assumir outra dívida para saldar a primeira. Assim, sua vida segue em um ciclo de débitos e de dificuldades.

A trama literária inicia-se com o leiteiro à porta da casa de Naziazeno Barbosa, dando-lhe um ultimato: ou paga a dívida ou terá o fornecimento do leite cortado. Adelaide, esposa do protagonista, desespera-se com a possibilidade de seu filho ficar sem aquele alimento. O pai de família, então, sai para trabalhar, e, no caminho até o centro, dentro de um bonde, esse momento vivido pela manhã – que não lhe sai da mente – desencoraja-o, humilha-o. Ele

² MENDES, Uirapuru. Aqui, Dyonelio Machado, romancista do trivial. *Diário de Notícias*. Porto Alegre,

precisa arranjar uma maneira de conseguir a quantia para quitar a dívida. Seu único stratagem é contar com a solidariedade das outras pessoas, e, por isso, espera encontrar Duque, um amigo que poderia ajudá-lo. Pelo fato de não o localizar, o primeiro a quem recorre é o diretor da repartição pública onde trabalha, pois este já o auxiliara antes. Contudo, justamente por já tê-lo ajudado anteriormente, o diretor nega-se a emprestar-lhe o valor, alegando que, afinal, também tem compromissos a honrar e não poderá resolver sempre as dificuldades financeiras dos outros. O protagonista sente-se arruinado e cogita desistir de buscar o valor de que precisa para pagar seu débito com o leiteiro.

Em um dos cafés centrais, depois de muitas idas e vindas do centro à repartição, Naziazeno encontra outro amigo, Alcides, que parece estar disposto a ajudá-lo, mas que, na verdade, não faz muitos esforços para tanto. Esse conhecido pede-lhe que vá cobrar uma comissão que lhe é devida, mas o “pobre-diabo” é “enrolado” por Andrade, o suposto devedor, e retorna sem o valor. Na volta, já passando do meio-dia e estando ele sem almoçar, recorre a outro homem conhecido que encontra na rua e pede a ele dez mil-réis para o almoço. Este tira da carteira, que tem compartimentos específicos para cada tipo de cédula, uma no valor de cinco mil-réis e entrega ao personagem principal. Todavia, em vez de usá-la para almoçar, o protagonista decide apostar aquela cédula em uma casa de jogos. Lá, tem sorte, e, na primeira jogada, consegue a quantia de que necessita, mas, empolgado com o momento favorável, continua jogando, e, ao final da tarde, perde tudo, saindo da casa sem um tostão.

Desiludido com a má sorte no jogo, Naziazeno resolve ir a uma firma de agiotas onde outra vez já conseguira um vale, o qual ainda não pudera saldar. Tenta convencer o proprietário do estabelecimento a lhe fazer novo empréstimo, mas este não aceita a proposta. Então, retorna aos cafés, reencontra Alcides conversando com um amigo e narra-lhe os fatos sucedidos naquela tarde. Alcides já não tem boas ideias para conseguir o dinheiro, pois nem os agiotas que conhecem dispuseram-se a emprestar o referido valor. No entanto, uma nova esperança surge quando Naziazeno Barbosa descobre que Duque também está naquele café com outro homem, o Sr. Mondina. Os quatro reúnem-se, e, informado acerca da situação do protagonista, Duque começa a elaborar estratégias para conseguir a quantia monetária desejada. Ele dá instruções aos companheiros, tenta outros agiotas, mas ainda não obtém sucesso.

A última esperança de todos os que ali estão vem a ser um anel de bacharel que pertence à família de Alcides, objeto que ele havia penhorado em uma casa de penhores.

Duque organiza a negociação e, por fim, consegue a quantia de que Naziazeno precisa. Este volta para casa com o valor destinado ao leiteiro e outras pequenas compras. Finalmente, faz a refeição e deita-se para dormir, mas não consegue. O sono escapa-lhe, relembra tudo o que passara durante o dia e chega a imaginar que há ratos na cozinha roendo o dinheiro que havia deixado para o leiteiro ao lado da panela. Somente consegue dormir quando ouve o barulho do jorro de leite naquele utensílio doméstico.

O desenrolar do romance ocorre, em especial, no nível psicológico. Há, durante todo o relato da história, que transcorre em um dia, a ocorrência de ações efetivamente realizadas, pois o protagonista está em busca daquele valor indispensável para saldar a dívida com o leiteiro. Contudo, grande parte do enredo é destinado a narrar seus pensamentos, sua agonia, seu medo de não conseguir o objetivo maior que o move. Nessa confusão de sentimentos e de sensações, as recordações do protagonista surgem a todo instante, embora não sejam os elementos predominantes dessa narração, que é conduzida por um narrador que faz uso do tempo verbal presente, intensificando o clima de angústia. O elemento desencadeador dessa movimentação na mente de Naziazeno é a dívida com o leiteiro, que, ao trazer à tona algumas memórias importantes, resume a existência do protagonista: uma vida conduzida pela incapacidade de raciocinar, de criar soluções, de agir e de interagir com as pessoas, que acabara prendendo-o em um eterno movimento cíclico de assumir uma dívida para saldar outra. Nessa situação de “pobre-diabo”, ele permite que as memórias e as ilusões tomem conta dos seus pensamentos, tornando constante sua inação.

Finalmente, após ter-se essa noção geral do enredo da trama literária em questão, procede-se à análise da interferência dos elementos mnêmicos no desenrolar da trajetória do protagonista Naziazeno Barbosa.

2.1 A interferência da memória nas atitudes de Naziazeno Barbosa

Durante as 24 horas nas quais se desenvolvem as ações e os pensamentos que caracterizam a trama do romance, Naziazeno tem relances de sua memória mais longínqua – o período da infância – e, também, das lembranças mais recentes – quando já está casado e é pai de família. A relação estabelecida entre esses dois momentos das recordações do protagonista e seu tempo presente se dá, exatamente, pela angústia que vivencia. A situação degradante em que se encontra faz com que ele rememore outras situações humilhantes e conflitivas que

experienciou. Pode-se observar, então, o movimento exposto por Henri Bergson (2006), no qual as percepções do presente acionam certas memórias, e não outras, que irão conduzir o indivíduo a agir de determinada maneira.

Quando o personagem em foco discute com a mulher sobre o corte no fornecimento do leite – que constitui o conflito central da narrativa –, ele menciona a época na qual havia sido necessário suspender a compra da manteiga, e relembra que, na sua infância, sabia que somente os ricos comiam manteiga. Por isso, segundo seu raciocínio, não teria sido nada extraordinário o corte no fornecimento daquele alimento. Naziazeno Barbosa argumenta, tentando mostrar para a mulher que toda a sua preocupação é, na verdade, um exagero: “quando foi da manteiga, a mesma coisa, como se fosse uma lei da polícia comer manteiga” (MACHADO, 2004, p. 9)

O argumento acima exposto representa, antes, um disfarce para tentar diminuir a importância que o fato de ficar sem o suprimento de leite possui, pois ele já sabe que não será nada fácil conseguir aquela quantia em dinheiro – que lhe permitirá saldar a dívida com o leiteiro – em apenas um dia. Assim, a situação precária vivida no presente da narrativa remonta a outra que lhe é semelhante, e o protagonista parece ancorar-se nessa lembrança para justificar o possível corte do fornecimento do leite. Algumas características do personagem central do livro já podem ser observadas nesse período de sua vida: ele demonstra ter passado por necessidades desde muito jovem e, tanto pela tentativa de diminuir a relevância atribuída por sua mulher à situação acontecida com o leiteiro, quanto pelo fato de não se mostrar encorajado a lutar pela quantia de que precisa, pode-se inferir que Naziazeno não tem iniciativa diante dos problemas que lhe surgem.

A necessidade do personagem de conseguir quitar a dívida com seu fornecedor de leite e a discussão que tivera com esse prestador de serviços, logo no início da manhã, perturbam-no ao longo de todo o seu dia. Fragmentada em várias lembranças, a cena matinal surge-lhe à mente conforme vivencia algumas situações nos trajetos que percorre pela capital, ao mesmo tempo em que suas ações, ou sua inação, revelam sua dependência em relação às atitudes das outras pessoas com as quais convive. Da mesma forma, a reafirmação de sua condição por meio dessas lembranças traz-lhe ao pensamento outras recordações. Após a confusão da manhã, no momento em que ele tem de sair para trabalhar, não quer encontrar ninguém, especialmente um vizinho seu, o amanuense da prefeitura, pois sabe que grande parte dos moradores das redondezas havia presenciado a conversa hostil que se estabelecera entre ele e o leiteiro naquela parte do dia. O homem mencionado, o amanuense, tem fama de mau pagador, mas as aparências ajudam a disfarçar sua insuficiência financeira. Fora a respeito

dele que Naziazeno ouvira, logo que se mudara para o bairro onde mora, o seguinte comentário: “Não paga ninguém!” (MACHADO, 2004, p. 13). Como está, agora, em situação semelhante, o protagonista acaba assumindo para si essa designação e, por isso, esgueira-se para não ser visto, para não ter de encarar olhares curiosos e disfarçar seu desânimo.

Com base nessa observação, verifica-se aquilo que Bergson afirma no que tange à relação existente entre a percepção e a lembrança: “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (2006, p. 30). E, devido a essa irrefreável inserção da memória na percepção do indivíduo, o teórico constata que a segunda constitui-se em “uma espécie de visão interior e subjetiva” de cada ser humano (BERGSON, 2006, p. 31). Na obra de Dyonelio Machado, ao olhar para as pessoas na rua, o protagonista relembra a frase que ouvira sobre aquele homem que mora próximo de sua casa e cogita a possibilidade de os indivíduos ao seu redor atribuírem-lhe o mesmo julgamento. Como a percepção evoca uma determinada memória, esta impulsiona o indivíduo para certa atitude, que, nesse caso, constitui-se em uma espécie de fuga.

A seguir, quando se encontra no bonde a caminho do centro, as figuras do leite e do leiteiro desaparecem e ressurgem no pensamento de Naziazeno constantemente. O bonde passa por carroças de leiteiros e de padeiros, e ele, ao observá-las, relembra da “‘carroça’ que ele tem dentro” de si, aquela do seu leiteiro, e, em cada um daqueles que ele enxerga através janela do bonde, vê “um rapagão mal-encarado fustigando o burro, possesso [...]”, aquele a quem deve os 53 mil-réis (MACHADO, 2004, p. 16). Essas lembranças, acionadas pela percepção desse homem, desanimam-no, tiram-no a coragem para lutar. Ainda naquele veículo, ele mal percebe o alvoroço provocado por duas crianças que atravessaram a rua em frente ao trem e quase foram atropeladas. Sua mente está perdida em meio às imagens da manhã, à voz de sua mulher e aos olhares atentos dos vizinhos que perceberam a confusão à sua porta. Ele divisa apenas pequenos fragmentos do que acontece no ambiente no qual está inserido, envolto no tumulto de pensamentos e de recordações:

A sua cabeça mesmo vem-se enchendo de coisas estranhas, como num meio sonho, de figuras geométricas, de linhas em triângulo, em que há *sempre* um ponto doloroso de convergência... *Tudo* vai ter a esse *ponto*... Verdadeira obsessão. O sinal de campainha do interior do bonde leva-o à repartição, à campainha do diretor repreensivo, e deste – *ao leiteiro!* Passa-se um momento de intervalo. Ouve-se depois uma palavra trivial; e é nova ligação angustiosa: o “sapato” *traz* o sapato desempareirado da mulher (o outro pé o sapateiro não quer soltar) e o todo reconstitui outra vez – *o leiteiro!* (MACHADO, 2004, p. 20, grifo do autor).

Nota-se que a confusão gerada na mente do personagem principal de *Os ratos* é profunda e imensa. As percepções que tem das pessoas e das situações ao seu redor, de alguma forma, remetem-no ao mesmo assunto, ou seja, *ao leiteiro* e, conseqüentemente, ao leite. Nessa conjuntura, cada nova lembrança realimenta sua aflição, o que provoca o surgimento de outras recordações relacionadas à dívida já mencionada. A sensação trazida por esse momento que se estabelece como um ciclo fechado é representativa do dia-a-dia do personagem em foco, na medida em que ele, para saldar os débitos anteriores, precisa fazer novos empréstimos.

No momento em que Naziazeno deixa o bonde, chegando ao centro da cidade, suas angústias parecem ser amenizadas à medida que se mistura às pessoas na rua, e tem a sensação de que há outros indivíduos ao seu redor na mesma condição: “Naquele ambiente comercial e de bolsa do mercado, quantos *lutadores* como ele!... Sente-se em companhia, membro lícito duma legião natural” (MACHADO, 2004, p. 24, grifo do autor). Observa-se que suas forças renovam-se quando ele se vê em meio aos demais, que julga compartilharem do mesmo estado de dificuldade, o que o faz sentir-se incluído em um grupo. Do mesmo modo, sua motivação também se revigora quando pensa nas pessoas que poderiam socorrê-lo nesse momento de aperto: “ele procura ‘visualizar’ bem a idéia de ir ter com o Duque”; “impossível que o diretor não o desaperte” (MACHADO, 2004, p. 24). A única iniciativa do personagem em análise é buscar o auxílio de outros indivíduos para a resolução de seu problema: “O *seu* plano é simples: é o recurso amigo, a solidariedade. Quem não o compreenderia? [...]” (MACHADO, 2004, p. 26, grifo do autor).

A esperança na compreensão alheia torna-se um recurso possível por duas razões: a primeira é o fato de o protagonista conhecer a destreza de Duque para resolver esse tipo de questão; a segunda consiste em uma lembrança de outro momento no qual tivera de recorrer ao diretor a fim de conseguir uma quantia para saldar a conta com o médico de seu filho. Assim, ele recorda a bondade do diretor de não lhe cobrar os cinco mil-réis que devia e que este não fez questão de receber. O ciclo da memória apresenta-se novamente na medida em que a situação percebida por Naziazeno acorda a lembrança do pagamento da dívida anterior saldada com o auxílio do diretor, e, assim, seu ânimo se (re)intensifica, com a certeza de que aquele homem resolverá seu problema mais uma vez. Contudo, seu estado psicológico oscila a todo momento, pois, alguns instantes depois, quando está em um café, aguardando a hora de dirigir-se à repartição, já pensa que o diretor não estará disposto a ajudá-lo. Ele tenta elaborar a forma como o abordará para solicitar a quantia, e julga que suas explicações não serão suficientes para convencer o diretor. Novamente, surge-lhe a cena da manhã:

Um gelo toma todo o seu corpo. Gelo que é tristeza e desânimo. Voltam-lhe as cenas da manhã, o arrebalde, a casa, a mulher. Tem medo de desfalecer nos seus propósitos. Acha-se sozinho. Aquela multidão que entra e sai pela enorme porta do café lhe é mais do que desconhecida: parece-lhe inimiga. Já acha absurdo agora o seu plano, aquele plano tão simples. Quando pensa em pedir ao diretor sessenta mil-réis emprestados – *sessenta!* – chega a sentir um vermelhão quente na cara, tão despropositado lhe parece tudo isso. “– Sessenta mil-réis! Um ordenado quase! [...] É isso coisa que se peça?!” (MACHADO, 2004, p. 27, grifo do autor).

Agora, nessa turbulência mental, até mesmo a gente desconhecida o perturba. Aquela que antes fizera o protagonista sentir-se incluído em um grupo, nesse momento parece ameaçá-lo como se fosse inimiga. A rememoração da cena da manhã tira-lhe o entusiasmo, colocando-o naquele que parece ser, realmente, o seu lugar, a condição de “pobre-diabo”. O descompasso em seus pensamentos faz com que ele transite entre momentos de entusiasmo e outros de desânimo. Isso porque, logo após a perturbação provocada pela memória da cena matinal, Naziazeno parece concentrar-se e focalizar o pensamento na aquisição da quantia monetária através do diretor da repartição pública na qual trabalha. O personagem principal chega a visualizar aquele homem tirando o dinheiro do bolso e julga que esse auxílio prestado pelo diretor será a solução para todos os seus problemas, como fora na época da doença de seu filho. O valor de 53 mil-réis

solucionará *tudo*, porque – é o seu feitio ou o seu mal – ele faz (desta vez como de outras) *deste negócio* – o ponto único, exclusivo, o *tudo* concentrado da sua vida. Pago o leiteiro, o mundo recomeçará novo, diferente. Assim foi quando da volta do filho à saúde (MACHADO, 2004, p. 29-30, grifo do autor).

Naziazeno pensa que, ao resolver sua pendência com o leiteiro, tudo estará solucionado, suas complicações e inquietações se dissiparão. Esse pensamento está influenciado pela recordação de uma situação que ele já vivenciara, qual seja a doença do menino. No momento em que a saúde do pequenino restabeleceu-se, tudo parecia ter ficado, aparentemente, em paz. O protagonista não percebe, assim, que está enleado em um ciclo que não se desfaz, que depende de uma iniciativa sua para que se rompa. Ele parece conformado com esse ciclo, pois, com base nas lembranças que tem de outras situações de aperto – as quais conseguira, de algum modo, resolver –, sabe, talvez inconscientemente, que essa também passará. É inegável, contudo, que outros momentos angustiantes, assim como esse, se apresentarão, novamente, diante do “pobre-diabo”.

Adiante, na sequência da narrativa, quando está em um armazém tomando café com o amigo Alcides, Naziazeno reflete sobre o paletó do companheiro, que julga muito estranho, e sobre o traje de um conhecido, Carlos, que, por ter sido roubado à noite, compunha-se de calça e paletó que não combinam. Ao colocar-se na posição dos dois “amigos”, o protagonista lembra já ter passado por uma situação semelhante. Fora quando sua mãe, para pagar uma promessa, vestira-o, por um ano, com uma roupa de Santo Antônio:

Longe, muito longe, na sua infância, uma vez aconteceu-lhe um caso assim... E é estranho: havia-o esquecido por umas duas dezenas de anos... [...] “- Meu filho, tu estiveste às portas da morte. A mãe fez uma promessa, se tu sarasses...” Era andar um ano vestido de Santo Antônio. – E ele se recorda bem daquela figurinha marrom, no colo da mãe, encolhida, debulhada num pranto impotente e trágico... No meio da rua, rodeado de espaço e de sol por todos os lados, seria a suprema vergonha [...] (MACHADO, 2004, p. 41).

O fato de os amigos não conseguirem vestir-se adequadamente desperta, na memória de Naziazeno, uma vivência que, apesar de ter estado, por um período, esquecida no tempo, volta com toda a força, com todo o sentimento de humilhação por ele sentido quando tivera de vestir a roupa do santo. Naquela época, o então menino ouvira ora os comentários maldosos dos que passavam por ele na rua, ora os conselhos dirigidos à sua mãe a fim de que tirasse aquela vestimenta do pobre garoto. Levando-se em consideração os pressupostos bergsonianos, constata-se que a situação daquelas pessoas conhecidas, percebida pelo personagem principal, desperta nele a lembrança infantil da roupa de Santo Antônio, que, por sua vez, restaura e reafirma sua condição, imobilizando-o na inação. Bergson percebe que as memórias preparam o corpo para a ação. No caso de Naziazeno, pode-se afirmar que suas recordações preparam-no, ou o mantêm, na inação, na imobilidade, haja vista essa última recordação apresentar um momento de sua vida no qual ele não pudera fazer nada para mudar aquele desconforto que sentia. Essa peculiaridade apresentada pela caracterização do personagem em foco, ao mesmo tempo em que parece distanciar-se dos pressupostos acima, levantados pelo teórico francês, justifica o raciocínio por ele estabelecido para o funcionamento da memória:

enquanto [a memória] recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata, e também enquanto ela contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas” (BERGSON, 2006, p. 31).

Se a memória é responsável por atribuir certa subjetividade ao sujeito, pode-se julgar normal o fato de as recordações de Naziazeno manterem-no estagnado, pois a inação, o não-agir fazem parte de sua constituição enquanto sujeito. Além disso, a designação da memória como elemento subjetivo, elaborada pelo teórico, está interligada a outra de suas constatações: a constituição daquilo que se chama “meu corpo” em um “centro de indeterminação”, como já se observou no primeiro capítulo. “Meu corpo” tem suas experiências determinadas pelas recordações de vivências anteriores, sendo considerado um centro de indeterminação na medida em que se distancia das vivências e das experiências de outros corpos.

Em uma das conversas que o protagonista tem com Alcides, antes de decidir falar com o diretor para pedir o valor que quitaria sua dívida com o leiteiro, ele reflete sobre sua condição. Sem nenhuma outra ideia para solucionar seu problema, ele pensa, apenas, em buscar o auxílio de “‘uma pessoa’: o diretor, o Duque [...]”. Apesar disso, considera humilhante ter de depender de outras pessoas, pois “qualquer daqueles seus amigos, com menos cabeça do que ele, *mexia-se*. Ele se limitava a recorrer a um ou outro...”. Nessas reflexões pergunta a si mesmo: “por que não ‘produzir’ como os demais, como todo o mundo?”. Esse pensamento está ancorado na experiência do personagem Duque, que, por inúmeras vezes, conseguira realizar negócios e sair de situações de necessidade. A diferença de Naziazeno em relação aos demais indivíduos é ele mesmo quem constata, concluindo sua reflexão que, na passagem transcrita logo abaixo, é dada segundo o horizonte discursivo do narrador: ele não consegue perceber onde estão os negócios, falta-lhe visão para esse tipo de tarefa, pois “nunca ‘via nada’; era a aptidão que lhe faltava [...]” (MACHADO, 2004, p. 44, grifo do autor).

A falta de aptidão para realizar negócios que poderiam lhe garantir uma vida mais tranquila, sem humilhações, como ele mesmo mencionara, está diretamente interligada às suas experiências passadas, que retornam, sob a forma de memória, à superfície de seu pensamento, através das percepções que tem do momento presente. Percebe-se, então, que a manifestação do protagonista do romance dyoneliano não pode causar estranhamento, visto que sua inação está condicionada às lembranças de experiências de vida que possui. No movimento cíclico operado pelas percepções e pelas lembranças do indivíduo, o

ressurgimento, no personagem em foco, daquela memória da roupa de Santo Antônio possui relação com outras recordações. Assim, verifica-se a interligação entre as ações de Naziazeno e suas lembranças, e vê-se, do mesmo modo, a conexão entre as memórias: “A ‘figurinha marrom’ desperta outras figuras” (MACHADO, 2004, p. 47, grifo do autor).

Em certa ocasião, também quando ainda era menino, ele não pudera acompanhar uma conversa que lhe parecia divertida, em uma esquina, com outros da mesma idade, pois era hora de tomar o leite. Sua mãe o chamara e não permitira que fosse participar da conversa, já que ele tinha de fazer a refeição:

A noite de verão, dum escuro fosforescente e sem mistério, cheia de gritos de crianças... Naziazeno já observava havia muito o grupo de guris na esquina. [...] Naziazeno bem que *ouvia* tudo: a *história*, o “caso”... Ele quer ir até lá! Aquele canto de sarjeta tem o que ele nunca mais encontrou no seu mundo: o repouso feliz, o aconchego humano, seguro e imutável. Ele quer ir! “- Vem primeiro beber o teu leite”. [...] Naziazeno não sabe quanto demorou, tomando o leite. Volta para a rua: a esquina está deserta, a noite muda e desabitada (MACHADO, 2004, p. 47-48, grifo do autor).

Novamente, a recordação rememorada apresenta um indivíduo impedido de tomar suas próprias decisões. Na infância, o protagonista parece ter seus gostos e suas vontades mais presentes, mas as obrigações impostas pela mãe abafam essas iniciativas. Especialmente as lembranças infantis que retornam à mente de Naziazeno mostram um indivíduo impedido de agir, e essa impossibilidade de tomar decisões com autonomia, por fim, acomoda-o na estagnação, pois, como já se observou, as lembranças são responsáveis por preparar – ou não – o indivíduo para as ações subsequentes que o conduzem ao tempo futuro.

Na sequência da narrativa, despreendendo-se dessa memória, o protagonista retorna à realidade e depara-se com a necessidade de abordar o diretor para pedir-lhe auxílio. Este não o atende, pois se julga desobrigado de assumir as dívidas alheias, até porque, no passado, já o ajudara a quitar a dívida que tinha com o médico devido à doença de seu filho. Ancorado no fato de o diretor, quando lhe emprestara dinheiro pela primeira vez, não lhe ter cobrado os cinco mil-réis devidos, Naziazeno julgou-o uma pessoa bondosa e, inocentemente, acreditou que ele poderia desapertá-lo novamente. A memória da situação anterior preparara-o para esperar o auxílio que, todavia, não veio.

Pelo fato de ambos – o protagonista e o diretor – estarem em lados opostos da engrenagem econômica na qual estão inseridos, a lembrança do empréstimo do dinheiro para

o pagamento do médico provoca reações distintas no protagonista e naquele a quem é solicitado o apoio. Enquanto aquele crê na boa vontade e na solidariedade, este não possui inocência alguma e julga dever prezar pelos seus próprios interesses econômicos, os quais não incluem atos de bondade, como, por exemplo, o suporte financeiro a seus funcionários. Percebe-se, mais uma vez, a característica de subjetividade – conforme Bergson estabelece em sua teoria – apresentada pela memória, por fazer parte daquilo que se constitui como um “centro de indeterminação”, de um lado o indivíduo Naziazeno e, de outro, o indivíduo diretor.

Após o fracasso de seu intento, Naziazeno Barbosa sente que sua “inspiração de ar, longa e meio doída, levanta-lhe com dificuldade o peito de chumbo”. Seu sentimento de inferioridade é tão grande que “a palavra e a figura do diretor esmagaram-no” e ele não sabe como poderá encarar sua mulher depois dessa falha. Assim, movido por essa sensação, não sabe qual rumo tomar. Essa indecisão é revelada na voz do narrador: “Idealizar outro plano? Tem uma preguiça doentia”. A reafirmação de sua estagnação é evidente nesse momento da narrativa, na medida em que se verifica que nem mesmo tentar elaborar outra ideia ele consegue, ainda que seja a de recorrer ao auxílio de outra pessoa. Encurralado nessa situação, seu desejo é “não encontrar ninguém”, em uma tentativa de fuga, de não ter de dar explicações sobre seu novo fracasso. Um vazio toma conta de sua mente, e isso lhe agrada, “porque é preciso renunciar àquele desejo de conseguir o dinheiro. Não se arranjam sessenta mil-réis quando se quer”. Ele está tão desorientado que seu único pensamento, nesse momento, é “renunciar”. (MACHADO, 2004, p. 53-54). A resposta negativa do diretor entristece Naziazeno de tal modo que, mesmo ao ver seu amigo Alcides, momentos depois, animado com uma aposta no jogo do bicho, não se deixa contagiar com a vivacidade do outro:

[...] ele está triste. É um desencanto, que não chega a ser ódio ou rancor. É um anseio, um desejo de imobilidade, de inatividade... [...]
Alcides está um tanto vivo. Só ele fala. Nos intervalos da conversa, tem pequenos movimentos, muda o corpo, os braços, a cabeça de posição. Naziazeno não quer decifrá-lo, faz esforços por se conservar à margem daquilo... Quer imobilidade, só imobilidade (MACHADO, 2004, p. 56).

Devido ao fato de as expectativas de Naziazeno não estarem em consonância com a realidade que se apresentou diante dele, o abatimento toma conta de seu pensamento, e o seu desejo é de fuga, de isolamento, pois, assim, ele poderia manter-se em um estado de

imobilidade constante. Nem mesmo quando Alcides relata-lhe que um certo Andrade deve-lhe cem mil-réis, dinheiro que ele próprio poderia cobrar, o “pobre-diabo” tem um sinal de animação. A descrição feita pelo narrador revela seu desinteresse: “Frouxamente Naziazeno pergunta [...]” (MACHADO, 2004, p. 57). Seu estado de ânimo, que está em constante oscilação, parece elevar-se apenas timidamente, quando, depois de retornar da casa do Andrade, imagina ou projeta o que ele e Alcides fariam com o dinheiro. Obviamente, entre outras possibilidades, ocorre um momento de relaxamento, de alívio, que, embora não esteja verbalmente expresso na narrativa, seria seguido pela quitação de sua dívida com o leiteiro. É relevante ressaltar que o personagem em foco estivera em uma situação de desconforto no momento em que fora cobrar a comissão de Andrade, tanto que nem mesmo pensara no modo como abordaria aquele homem. Vê-se que essas atitudes não fazem parte da personalidade do protagonista, que, na infância, fora acostumado a não ter sua voz ouvida, conseqüentemente a não agir, e que, agora, considera aquelas ações contrárias à sua natureza. Isso fica claro no momento em que ele circula pelo centro da cidade à procura de Alcides e decide ir cobrar o dinheiro de Mister Rees, que, segundo Andrade, era o real devedor: “Foi ao Andrade; não era com ele, é com o Mister Rees, logo... Sente que é uma *violência* ao seu temperamento... Está aprendendo a ser ‘despachado’, dinâmico. Alcides vai aprovar [...]” (MACHADO, 2004, p. 69, grifo do autor).

Os aspectos comportamentais que o próprio Naziazeno percebe em relação ao seu temperamento ficam evidentes na sequência da narração, quando ele vai até o banco e diz a um funcionário que deseja falar com Rees. O protagonista sente uma turbulência, dúvidas o atormentam, pois não sabe se está agindo corretamente, se tem o direito de cobrar a dívida, se pode confiar no que o Andrade lhe dissera. E, ao constatar que o subgerente do banco não está, sente um alívio. Isso ocorre justamente pelo fato de iniciativas como essa não fazerem parte da conduta do pobre homem. Não é esse tipo de atitude que as suas lembranças o impulsionam a demonstrar, e sim indecisões, desejos de estagnação e de isolamento apenas. Além disso, ao tomar aquela resolução de ir ter com o Mr. Rees, ele não pensa em qual é o julgamento que faz de si próprio, mas naquilo que Alcides pensaria, já que o protagonista julga que o amigo aprovaria a iniciativa. Vê-se que Naziazeno Barbosa depende da opinião e da aprovação alheias para concretizar seus pensamentos em atitudes reais, como uma espécie de comprovação quanto ao acerto de suas ações, o que se pode inferir ser uma representação da figura da mãe, aquele ser que orienta, aprova ou repreende as atitudes do filho.

A satisfação sentida por não ter encontrado Mister Rees, na agência bancária, o recoloca em sua realidade, e, novamente, ele está à procura de alguém que possa fornecer-lhe

uma quantia, dessa vez para o almoço. Ele decide procurar um advogado, Dr. Otávio Conti, para pedir-lhe cinco mil-réis com os quais iria matar sua fome. Quando chega à porta do escritório daquele profissional, retrai-se, analisa a situação, tenta enxergar o homem sem ter de entrar no local e, em meio a essas hesitações, percebe que há um indivíduo do outro lado da rua que o observa fixamente. Essa visão deixa-o atarantado, intimidado, levando-o desistir de conversar com o Dr. Conti. Em meio à dúvida, esbarra em um homem na rua e vê que é um conhecido seu, a quem pede, então, aquela pequena quantia para o almoço. Enquanto isso, aquele sujeito à porta, do outro lado da rua, permanece observando-o. Isso o perturba. Verifica-se que a insegurança do protagonista de *Os ratos* é tamanha que até mesmo um propósito simples como o que tinha – conseguir o dinheiro para o almoço – é quase interrompido pelo fato de um desconhecido o fitar, talvez apenas um curioso, ao ver um homem estranho andando pela rua, meio sem rumo e sem decisão. De posse dos cinco mil-réis, em vez de ir a um restaurante para almoçar, ele tem, subitamente, a ideia de apostar aquele valor no jogo. A indecisão concentra-se, agora, na opção entre a aposta e o saciar a fome, que já o maltrata.

Assim como no decorrer de toda a obra, mais uma vez Naziazeno está em dúvida e o conflito instaura-se. Recordações de tempos passados misturam-se às pequenas situações que ele vivencia nos trajetos que percorre pelas ruas da cidade. Em meio a pensamentos sobre o fato de contar ou não a Alcides sobre sua procura por Mr. Rees, acerca de como deveria apostar os cinco mil-réis, sobre como o Duque procedia nos momentos em que estava jogando na roleta, surge-lhe a lembrança de uma outra dívida que ele contraíra com uma firma de agiotas, e que ainda não resgatara. A imagem do Dr. Romeiro, possivelmente o proprietário da firma, incomoda-o, pois ele ainda não saldara a dívida, e, assim, um possível escândalo se daria, visto o tempo que já se passara e o fato de o pobre homem ainda não ter se apresentado ao agiota: “Suas mãos ficam geladas e trêmulas” e sua mente fica atordoada (MACHADO, 2004, p. 81). Nesse momento, ele confunde essa lembrança com outra da infância, a lembrança de um sentimento que traz desde menino:

Enche-o de uma emoção triste qualquer mudança, qualquer nova situação. Quer as coisas contínuas, imutáveis. Aquele canto de sarjeta, nada mais... Quando guri, apesar do gosto dos guris pelas viagens, não gostava de chegar em lugares desconhecidos, sentia-se emocionado, triste ao se ver pela primeira vez nesses “quartos de hóspedes” da campanha, nas viagens que através das casas dos parentes nos primeiros tempos do “luto da mãe” tiveram de fazer. Mesmo aquela viagem a Uruguaiana, viagem a uma cidade, viagem de trem!.. Qualquer coisa o oprimia ao chegar, à noite (era inverno). Um sentimento vago e melancólico de decepção [...] (MACHADO, 2004, p. 81).

A certeza dos problemas que terá por ainda não ter quitado aquele valor traz a mesma necessidade de isolamento e de imobilidade que sentia quando era criança e precisava deslocar-se com a mãe pelas casas de familiares, após a morte de seu pai. Essa lembrança, assim como as outras de sua infância, traz essa sensação, ora desejada, ora imposta, de imobilidade, de estagnação e, até mesmo, de reclusão. Nas andanças, pelo centro, ele vai a uma tabacaria nos fundos da qual funciona a casa de jogos. Quando chega, estão quase fechando uma rodada do jogo, e ele imediatamente deposita a “sua” cédula de cinco mil-réis no número 28, pois havia prometido para si mesmo, na última vez em que jogara, que apostaria nesse número. O personagem fica desconcertado quando o *croupier* anuncia o resultado: 28! Em segundos, seus problemas estavam resolvidos, já que aquela cédula suada e amassada de cinco mil-réis fora transformada em outras tantas que somavam o valor de cento e setenta e cinco mil-réis. Ele mal acredita no fato de ter conseguido o dinheiro assim, tão instantaneamente: “cinco mil-réis... cento e setenta e cinco! [...] Tudo resolvido assim num segundo... [...] Estará mesmo neste mundo? neste dia? [...]” (MACHADO, 2004, p. 86). Contudo, instantes mais tarde, quando já está um pouco mais calmo, depois da perturbação provocada pelo resultado da jogada inicial, ele decide continuar apostando na roleta, até que, já próximo do final da tarde, vê-se sem fichas e sem dinheiro, e sai daquela casa esgueirando-se.

Um leitor mais desatento e desavisado pode ficar surpreso com tal acontecimento, julgando que o protagonista, ao estar de posse dos cento e setenta e cinco mil-réis, deixaria o estabelecimento de jogos, pagaria suas contas e passaria a ter uma vida sem preocupações, pois dessa maneira a obra encerraria com um final feliz. Por outro lado, um leitor mais atento e instrumentalizado se surpreenderia caso a hipótese aqui aventada se concretizasse. O estranhamento se daria por dois motivos: o primeiro refere-se à extensão da obra, que encerraria ainda na metade do número de páginas que a compõem; o segundo, e mais relevante, trata-se do fato de que, ao conduzir a trama para o fim com esse desfecho “feliz”, o autor contrariaria a lógica da trajetória de Naziazeno no decorrer do enredo. Isso porque um

homem que, durante toda a sua vida, esteve, grande parte das vezes, submetido às ações alheias – pois não consegue resolver seus problemas sozinho – não poderia inesperadamente tomar uma atitude (apostar na roleta) e obter mais do que o dobro da quantidade do dinheiro que poria fim às suas dificuldades.

Sob a luz dos pressupostos teóricos de Henry Bérghson (2006), observa-se que as memórias que o personagem em foco possui dos acontecimentos de sua vida mostram um homem que não toma iniciativa para que suas ações evoluam, que ora é impedido de agir e ora mostra-se incapaz de fazê-lo. Sabendo-se que as memórias são os elementos que impulsionam o ser humano ao “fazer”, conduzindo-o ao futuro, não se poderia esperar que as recordações do protagonista o conduzissem a agir, a tornar-se um homem dinâmico. Ao contrário, as lembranças vêm a confirmar aquilo que, de fato, acontece no romance: Naziazeno Barbosa perde todo o dinheiro que conseguiu e volta à estaca zero.

A partir desse momento, a narrativa entra em sua metade final. Assim, depois de experienciar mais uma tentativa frustrada em uma firma de agiotas, o pobre homem encontra Alcides em um café no centro da cidade. O protagonista está cansado e desanimado. Além disso, ainda não almoçou. Quando o amigo indaga-lhe sobre o que gostaria de comer, uma situação curiosa se estabelece, pois é apenas um copo de leite que apetece ao “pobre-diabo”, o mesmo leite que lhe tirara o sossego durante todo o dia. Nesse instante, uma recordação surge na mente do pequeno funcionário público: quando se dirigia da sua casa ao centro, pela manhã, ele ouvira um homem, dentro do bonde, dizer que seu almoço era apenas uma garrafa de leite. Naziazeno se surpreendera com essa afirmação e assim questionara a si mesmo: como é que um homem poderia ter apenas leite no almoço? No café, onde está com Alcides, é um copo de leite que ele terá como almoço. O fato de apenas o leite lhe apetecer acorda a memória que tem daquele homem que estava no bonde.

O dia já se encaminha para o seu fim e as esperanças do protagonista também. Ele já pensa que não conseguirá a quantia de que tanto necessita. No local mencionado onde está com Alcides, o protagonista descobre a presença de Duque, o amigo a quem pensara em recorrer ainda no início do dia, mas que ainda não havia encontrado. Quando este é colocado a par da situação, é ele quem assume a responsabilidade de conseguir a quantia almejada. Ao contrário de Naziazeno, Duque é esperto e ágil para pensar em soluções, e logo coloca um plano em ação. As primeiras tentativas são frustradas, mas ele não perde as esperanças de conseguir resolver o negócio. O personagem principal impressiona-se com a persistência do amigo. Esse homem, que o “pobre-diabo” admira, incorpora as características que Naziazeno Barbosa sabe que precisaria demonstrar para poder ter uma vida melhor, mas que não

desenvolvera, por mais que, às vezes, empregasse algum esforço nesse sentido. Novamente fica clara a repercussão da memória na vida do protagonista, que, mesmo sabendo como deveria agir para arrumar o dinheiro, não consegue fazê-lo, como se houvesse uma força contrária maior mantendo-o na estagnação e na imobilidade. Isso se confirma porque, durante todo o período no qual Duque, seu amigo, Sr. Mondina, juntamente com Alcides e Naziazeno, caminham pelo centro da cidade de uma casa de agiota a outra para tentar conseguir o valor, o protagonista da trama de Dyonelio Machado permanece descrente de que se conseguirá qualquer quantia àquela hora do dia. Em uma das tentativas, enquanto Duque articula algumas ações, ele cogita a possibilidade de pedir o dinheiro para o Sr. Mondina e alguns pensamentos rondam sua mente, quando imagina a reação do homem:

Ele já pensou em chamar o Mondina de parte. Não lhe poderão absolutamente fazer falta esses sessenta mil-réis. [...] “- Mas eu não posso!... Eu simpatizo...” [...] – Será por que não o conhece?... Mas Duque garante. Eles têm negócio em comum. “- Não posso!...” – Não pode... Naziazeno tem um sorriso amargo: - *Mas o sr. é imprudente!*... E todo o seu desânimo lhe volta dessa vez (MACHADO, 2004, p. 135-136, grifo do autor).

A imagem que se cria na mente do protagonista é negativa, tirando-lhe toda a perspectiva de conseguir o dinheiro. Esse desânimo presente faz com que ele rememore outro discurso nada positivo que ouvira do agiota da firma na qual ainda tem um vale para resgatar: “Mas o sr. é imprudente!”. Naziazeno projeta na situação presente por ele imaginada a mesma reação que já ouvira outras vezes durante o dia. Assim, é pouco provável que ele possa apresentar qualquer esperança de obter sucesso nessa empreitada. Sua descrença permanece até o momento em que vê Duque resolver o problema, agenciando um negócio entre Sr. Mondina e Alcides. Desse modo, as memórias, que concernem ao passado mais distante, encerram nessa etapa da narrativa. A partir daí, as lembranças que retornam à mente de Naziazeno provêm, em grande parte, do dia estafante que tivera, assim como da “luta” para conseguir os 53 mil-réis.

As recordações que se apresentam logo que chega à sua casa, com o dinheiro e o pacote das compras que fizera, vão se intercalando, conforme sua esposa vai lhe perguntando como fora seu dia. Desse modo, quando ela o questiona sobre a origem do dinheiro, se o conseguira com o diretor, Naziazeno logo recorda a frase dita por seu chefe: “Tenho lá alguma fábrica de dinheiro?” (MACHADO, 2004, p. 150). Adiante, na tentativa de saciar sua

curiosidade, a esposa questiona-o se fora no jogo que ele arranjava o dinheiro e, mais uma vez, ele recorda – agora, a sua ida à casa de jogos, sua jogada no número 28; no final da tarde o deslocamento até um dos agiotas e outras passagens que vivenciara durante a busca pelos 53 mil-réis. Seu dia vai-se reconstituindo conforme conversa com a mulher, como se essa fosse uma maneira de reafirmar a angústia vivenciada. Quando ele se deita em sua cama, pensa que logo dormirá, pois está exausto devido ao dia que teve. No entanto, não consegue dormir, pois passa a recordar trechos do seu dia, em uma espécie de reconstituição do que acontecera: “Se levantasse, fosse fazer alguma coisa?... Quer *examinar* bem essa idéia. [...] Àquela hora todos dormem, é a hora de todo mundo dormir. Só ele... Acha que fazendo um esforço de concentração, também dormirá” (MACHADO, 2004, p. 165, grifo do autor). Mas o “pobre-diabo” não dorme. Nenhuma de suas tentativas de se concentrar, de pensar em alguma coisa tem sucesso, pois ele parece ficar cada vez mais acordado.

O romance, que, até o momento em que Naziazeno chega a sua casa com o dinheiro, já possuía um forte acento psicológico, tem essa característica ainda mais evidenciada na medida em que ele, ao não conseguir dormir, passa a reconstituir passagens do seu dia, interligando um pensamento ao outro. É por meio do narrador que o leitor toma conhecimento desses acontecimentos, haja vista que é ele quem acompanha toda a trajetória do personagem. Um exemplo dessas situações dá-se na recordação do protagonista no que diz respeito à desconfiança de Alcides com relação ao Sr. Mondina. Esse fato está relacionado com a mesma desconfiança que Alcides demonstrara sobre a possibilidade de o diretor da repartição emprestar os 53 mil-réis para o funcionário. Essa conexão entre memórias que remetem a momentos distintos traz à mente do protagonista o seguinte pensamento: o diretor poderia julgar-lhe um aproveitador, e, portanto, precisava encontrar uma solução para a sua vida definitivamente. Pode-se observar essa reflexão no trecho abaixo:

Talvez que, se tivesse abordado o diretor noutra ocasião e a sós com ele... Ele supõe decerto que seja seu hábito. *Mordedor*... O que é que vai fazer para dar uma solução definitiva à sua vida? O que é? “Eu sei que muitos homens arranjam um biscate depois do serviço”...

Ele vai amanhã mesmo – Hoje!... – procurar o “dr.” Mondina. Depois de largar o trabalho quanta coisa ele poderá ainda fazer [...] (MACHADO, 2004, p. 168, grifo do autor)

A mistura de pensamentos ativa uma vaga iniciativa de tentar organizar sua vida para não ter mais apertos como o vivido nesse dia. A fala grifada com aspas é de sua esposa, em

uma das oportunidades nas quais o casal discutira sobre os problemas financeiros. A memória referente ao fato de saber que outros homens batalham em mais de um serviço para garantir o sustento da família o impulsiona a agir, a fazer alguma coisa com vistas a modificar seu quadro de miséria. Contudo, essa lembrança não alcança força suficiente para fazer com que ele realmente leve a cabo esse pensamento. As demais recordações que remontam a um homem patético e sem iniciativa prevalecem, e Naziazeno permanece imóvel. Enquanto isso, o sono está cada vez mais longe e ele está cada vez mais desperto. Qualquer som chama-lhe a atenção. Já é alta madrugada quando o protagonista ouve ruídos dentro de sua casa e pensa que ratos estão roendo o dinheiro que está ao lado da panela. Uma grande perturbação toma-lhe conta. Julga-se muito cansado para levantar e procurar ratos. Ora pensa que é verdade, ora acha que isso é apenas fruto de sua imaginação. Observa-se que, nem mesmo no momento em que o dinheiro, que lhe custara tanto para conseguir, parece ameaçado, o personagem principal toma uma atitude no sentido de impedir que algo ruim aconteça. Ao contrário, ele continua deitado na cama, apenas ouvindo. E é ao ouvir o jorro do leite batendo na panela que finalmente dorme.

A apresentação das memórias, nesse período em que o protagonista está deitado na cama, figura como um artifício utilizado por sua mente para que ele se assegure de que o leiteiro pegaria o dinheiro e de que, assim, estaria liberto do aperto no peito que lhe representava aquela dívida. Uma vez quitado esse débito, Naziazeno poderia, enfim, descansar, mesmo que fosse somente por aquela noite, já que, assim como se observou anteriormente, sua vida consiste em um ciclo fechado de dívidas do qual não consegue se libertar.

2.2 As lembranças encobertas de Naziazeno Barbosa

A análise do romance *Os ratos*, sob a perspectiva dos pressupostos teóricos de Henri Bergson, permite observar que algumas lembranças do protagonista assumem um lugar de relevância na influência que as memórias como um todo exercem sobre as atitudes do protagonista. O teórico Iván Izquierdo, na obra *A arte de esquecer*, constata que “toda a memória é adquirida num certo estado emocional”, e que “gravamos melhor e temos muito menos tendência a esquecer as memórias de alto conteúdo emocional” (2004a, p. 36-37). Julga-se, portanto, que as recordações mais relevantes do personagem principal tiveram

intensa influência emocional no momento em que ocorreram, repercutindo, mais tarde, nas vivências do pobre homem. É possível que, através de um estudo minucioso dessas recordações destacadas, perceba-se o motivo da falta de atitude e de reação do personagem principal diante das situações que ocorrem no seu dia-a-dia. Como já ficou evidente nas constatações anteriormente elaboradas, sob a orientação da teoria bergsoniana, a manifestação das recordações na vida de Naziazeno redireciona suas ações, constituindo, portanto, uma influência marcante. Do mesmo modo, observou-se que as lembranças relacionam-se diretamente com as percepções do indivíduo, assim como as próprias recordações interligam-se entre si. Nesse sentido, o fato de certas memórias surgirem, e não outras, não causa estranhamento, uma vez que elas se unem ao presente por meio da percepção, formando uma rede de acontecimentos que conduzem o indivíduo ao futuro.

Tal sensação estranha instaura-se quando se percebe que algumas das memórias que retornam à mente do personagem principal possuem elementos que estão escondidos e dos quais o próprio homem, obviamente, não possui consciência: são as lembranças encobertas. Por meio da investigação que se realizou com base nas teses do pesquisador Henri Bergson, no que se refere a tais memórias, notou-se o efeito que elas provocam nas atitudes do “pobre-diabo”. Uma pesquisa mais atenta, no que concerne a essas recordações, agora orientada pelos elementos teóricos do psicanalista Sigmund Freud, pode auxiliar a compreendê-las em sua profundidade e a perceber a razão pela qual se sobressaem em relação às demais. A primeira dessas lembranças é aquela que surge ao protagonista quando este vê dois amigos seus, Alcides e Carlos, com trajes cujas peças não combinam entre si. Ele olha para os amigos e relembra que

Longe, muito longe, na sua infância, uma vez aconteceu-lhe um caso assim... E é estranho: havia-o esquecido por umas duas dezenas de anos... [...] “- Meu filho, tu estiveste às portas da morte. A mãe fez uma promessa, se tu sarasses...” Era andar um ano vestido de Santo Antônio. – E ele se recorda bem daquela figurinha marrom, no colo da mãe, encolhida, debulhada num pranto impotente e trágico... No meio da rua, rodeado de espaço e de sol por todos os lados, seria a suprema vergonha... Como ter coragem?... como? “- Mas tu não vês que é pior o sofrimento que tu dás a essa criança com semelhante coisa? Olha, se fosse meu filho, eu tirava já-já essa roupa. Deus que me perdoasse [...]” (MACHADO, 2004, p. 41).

Assim como o estudo apresentado anteriormente – com base na teoria bergsoniana – observou terem sido os trajes inadequados dos companheiros que despertaram a memória da infância, também nesse momento da análise nota-se que o ressurgimento dessa lembrança

deu-se, de fato, pelas roupas dos amigos, e que, juntamente com tal lembrança, todo o sentimento de humilhação sentido por Naziazeno naquela época retorna ao seu pensamento. É relevante verificar que a humilhação do menino fora provocada por sua mãe que o obrigara a vestir a roupa de Santo Antônio para pagar uma promessa, em uma demonstração de devoção e de religiosidade. Mesmo ao ouvir os vizinhos aconselhando-a a não fazer o menino passar por tal constrangimento, ela insistiu no cumprimento da promessa e o fez usar aquela roupa marrom. Freud, em seu trabalho denominado *Lembranças encobridoras*, afirma que “ninguém contesta o fato de que as experiências dos primeiros anos de nossa infância deixam traços inerradicáveis nas profundezas de nossa mente” (1899, p. 287). Certamente, o fato de Naziazeno Barbosa, quando era ainda muito criança, ter sido obrigado a vestir uma roupa que lhe provocava vergonha pode constituir o primeiro elemento responsável por lhe despertar a sensação de impotência apresentada na vida adulta, diante das outras pessoas com quem se relaciona. Sua mãe pode ter sido, assim, a primeira pessoa a levá-lo a perder a iniciativa frente às situações que vivencia. Afinal, quando obrigado a usar aquela vestimenta, sentiu-se inferiorizado, chorou, como expressão de seu desgosto, mas não teve sua voz ouvida.

Ao contrário da reação que teve naquela situação da roupa de Santo Antônio, na vida adulta, sua resposta diante das circunstâncias desafiadoras nas quais se encontra não pode ser o choro. Naziazeno deve lutar por uma vida melhor para si e para os seus. Contudo, observa-se que ele não consegue; sente que uma atitude independente e segura vai contra a sua natureza. Essa incapacidade de agir, de tomar atitudes, pode estar relacionada ao comportamento dominador e impositivo observado na breve caracterização de sua mãe, que é encontrada nas memórias do “pobre-diabo”. O protagonista não possui essa percepção em relação à sua mãe; ele apenas sente essa memória ressurgir em sua mente, mesmo porque julga ser desconcertante para um indivíduo saber que sua mãe tem influência direta na constituição de seu comportamento passivo, o que somente o prejudica na vida prática.

A recordação da “figurinha marrom” desperta nele outra lembrança que envolve sua mãe, reafirmando a tese da interligação entre as percepções presentes e as recordações do passado, assim como a possibilidade de uma lembrança desencadear o ressurgimento de uma série de outras lembranças. Na memória que é citada a seguir, fica evidente a relação que se estabelece entre aquilo que Freud denomina *lembrança encobridora* e *lembrança encoberta*. Mais uma vez, em sua infância, Naziazeno não pôde acompanhar uma conversa entre alguns meninos que ouvia ao longe, porque sua mãe não lhe permitira:

A noite de verão, dum escuro fosforescente e sem mistério, cheia de gritos de crianças... Naziazeno já observava havia muito o grupo de guris na esquina. [...] Naziazeno bem que *ouvia* tudo: a *história*, o “caso”... Ele quer ir até lá! Aquele canto de sarjeta tem o que ele nunca mais encontrou no seu mundo: o repouso feliz, o aconchego humano, seguro e imutável. Ele quer ir! “- Vem primeiro beber o teu leite”. Ele vai dizer à mãe que não quer leite, hoje. Mas ela o obriga a entrar. [...] Naziazeno não sabe quanto demorou, tomando o leite. Volta para a rua: a esquina está deserta, a noite muda e desabitada (MACHADO, 2004, p. 47-48, grifo do autor).

Novamente, a figura da mãe sobrepõe-se à vontade do garoto, que acaba impedido de se incluir no grupo de meninos, pois tem de fazer sua refeição. Porém, vê-se que não é a figura da mãe, diretamente, que atormenta o protagonista durante o presente da narração. Fica sugerido que o descontentamento que perpassa a vida de Naziazeno está representado no leite tomado por ele. Naquele momento da infância, e no dia da busca pelo valor destinado ao leiteiro, é o referido alimento que tira seu sossego, que elimina qualquer momento de alegria de que pudesse usufruir. A recordação dessa “esquina” do tempo de guri, ao mesmo tempo em que traz à lembrança aquela “sarjeta”, seu lugar para o “repouso feliz”, salienta exatamente o fato de que aquele que seria seu único momento de sossego, seu espaço para ser feliz, fora-lhe tirado pela imagem representativa do leite: a ordem da mãe para que fizesse a sua refeição. A evidência de que aquela esquina que acomodava o grupo de garotos talvez tivesse sido seu espaço de felicidade fica clara quando se observa que o restante de sua vida, representada pelas 24 horas narradas, é repleta de problemas, conflitos e aflições. Ele vive em um círculo fechado de misérias que não lhe permite sair. Assim, o leite figura como um representante, ou talvez uma metáfora, apenas, de todas as angústias do protagonista.

Sob essa perspectiva torna-se pertinente verificar alguns apontamentos feitos por Freud em *Lembranças encobridoras* a respeito de recordações que provocam “afetos aflitivos”, ou seja, que, de alguma forma, provocam dor. No texto, o teórico constata a existência de um determinado tipo de memória que surge, ao indivíduo, para encobrir a lembrança de um outro acontecimento real que, geralmente, provocou algum desprazer no momento em que ocorreu. A lembrança desse acontecimento real é substituída por outra que possui apenas semelhanças com a primeira. Nesse processo, uma dessas forças leva em consideração a importância da experiência como motivo para que se procure relembrá-la, enquanto que a outra – uma força de resistência – luta para que preferências desse tipo não se manifestem. Contudo, nesse embate não há vencedor; nenhuma das forças é anulada, havendo, isto sim, uma conciliação entre essas estruturas. Tal conciliação consiste no fato de que a resistência não permite que a imagem mnêmica que se pretende registrar na consciência seja relevante em si própria; o que

acaba sendo registrado é, na verdade, outro elemento associado àquela experiência, e é nesse momento que a primeira força toma seu lugar, ao tentar fixar, mesmo que seja através de um elemento análogo, as impressões importantes.

Aquelas recordações que provocam descontentamento são, portanto, substituídas por outra lembrança continente de algum elemento semelhante, e uma análise detalhada poderá revelar a conexão existente entre ambas. No caso de Naziazeno, o leite parece ser esse “elemento psíquico intimamente associado ao elemento passível de objeção”, que surgiu como substituto para a lembrança original, pois, na maioria dos momentos da narrativa, as memórias que se fazem presentes contêm o referido alimento. É relevante mencionar que, tanto nas memórias da infância quanto nas mais recentes, essa figura está presente. Questiona-se, assim, qual é a lembrança encoberta por essa imagem, e, ao perscrutar-se a configuração das memórias de Naziazeno, pode-se inferir que a recordação da forma como a mãe o tratava é que se constitui na memória encoberta. Naqueles momentos da meninice por ele lembrados, é a mãe que o limita, não permitindo que ele se inclua no grupo de garotos e obrigando-o a usar a roupa do santo, ou por autoritarismo ou por superproteção. A imagem materna acaba configurando-se como um elemento de opressão, travando todas as suas iniciativas, mas a estrutura psíquica do homem não permite que exatamente esses elementos ganhem relevância e sejam trazidos à consciência, pois isso iria de encontro à concepção de amor, de bondade e de cuidado da figura materna, e é possível que o protagonista não conseguisse conviver com a imagem dolorosa de uma mãe opressora.

A verificação mais cuidadosa, no que concerne ao comportamento da mãe de Naziazeno, permite verificar que suas atitudes não possuem uma carga de opressão consciente, mas apenas inconsciente, haja vista suas ações estarem direcionadas para o que ela considera ser o bem para seu filho, qual seja, nesse caso, a saúde e a alimentação. Ela quer que ele use a roupa com o objetivo de pagar a dívida que fizera com o santo para curá-lo, atitude que evidencia seu receio em relação à possibilidade de que o filho adoça novamente, caso não cumpra com o prometido. A seguir, é devido à refeição que ela impede Naziazeno de ir brincar com os outros garotos, na rua. A questão que se estabelece, portanto, assemelha-se mais à superproteção do que ao autoritarismo e aos maus-tratos, pois as atitudes da mãe parecem estar dentro das expectativas do que se julga correto. No entanto, a repercussão dessas atitudes, possivelmente protetoras em excesso, surge no filho como uma espécie de bloqueio em relação à necessidade de iniciativa, fazendo com que ele dependa de outra pessoa para agir. Assim, o leite, que um dia fora o alimento que sua mãe lhe dera do próprio seio, é

que assume a carga de opressão e de aflição representada por ela, ainda que não intencionalmente.

Reafirmando a condição do protagonista, o tempo de menino retorna, mais uma vez, à sua mente quando ele relembra outra situação desagradável: o vale que ainda não resgatara em uma firma. Em suas andanças pela cidade de Porto Alegre, quando dobra uma esquina e recorda a imagem do proprietário daquela empresa, a “esquina” da infância retorna com um imenso desejo de imobilidade, assim como a lembrança do desgosto que sentia quando tinha de se deslocar de uma cidade a outra, permanecendo na casa de parentes ou em pensões, após a morte de seu pai. A “sarjeta” da infância figura, então, como a única possibilidade de encontrar um pouco de felicidade na existência deste que parece já ter nascido sob a alcunha de “pobre-diabo”:

Enche-o de uma emoção triste qualquer mudança, qualquer nova situação. Quer as coisas contínuas, imutáveis. Aquele canto de sarjeta, nada mais... Quando guri, apesar do gosto dos guris pelas viagens, não gostava de chegar em lugares desconhecidos, sentia-se emocionado, triste ao se ver pela primeira vez nesses “quartos de hóspedes” da campanha, nas viagens que através das casas dos parentes nos primeiros tempos do “luto da mãe” tiveram de fazer (MACHADO, 2004, p. 81).

Vê-se que, assim como na infância, o protagonista quer a imutabilidade das coisas, a estagnação, a inação. Ele não fez parte do grupo dos que estavam naquela sarjeta; ficou excluído daquela comunidade de meninos e permanece nesse mesmo estado na idade adulta. Talvez a mãe o tenha limitado tanto que ele parece ter perdido a iniciativa de incluir-se, de buscar resolver seus próprios problemas, pois ela estava sempre regulando suas ações, ou suas tentativas de agir. Por isso, possivelmente, a necessidade de ação o perturbe tanto na idade em que se encontra, de forma a impedi-lo, inclusive, de relacionar-se com outras pessoas, bem como de elaborar estratégias que o auxiliem a resolver seus problemas.

Sem conseguir estabelecer uma comunicação eficaz com as pessoas em geral e, especificamente, com seus credores, ele depende das ideias e das atitudes de outros indivíduos ao seu redor, supostos amigos, para encontrar soluções que, por fim, acabam sendo apenas paliativas. Essa necessidade fica clara quando o personagem em foco reflete sobre sua esposa, comparando-a com a mulher de um vizinho, o amanuense da prefeitura. Segundo Naziazeno, se Adelaide fosse como a vizinha, “queria ver se as coisas não marchariam doutro modo”, mas “sua mulher com os outros é tímida, tímida demais [...]. Ela se encolhe ao primeiro

revés”. Ele segue observando que fora a ingenuidade da esposa que o “tentou”, mas que isso “é um mal na vida prática”, pois “ele precisava de um ser forte ao seu lado” (MACHADO, 2004, p. 18-19). As palavras do próprio personagem em estudo confirmam o fato de que ele precisa de uma pessoa que substitua a figura materna – forte, autoritária e, ao mesmo tempo, protetora –, e seu desejo é o de que sua esposa preencha esse espaço. Contudo, a fraca Adelaide não é capaz de suprir tal carência, e, assim, ele permanece dependente do auxílio de outras pessoas, já que sua voz parece ter sido abafada ainda na infância.

O protagonista mantém-se, portanto, enredado em um ciclo que precisa de sua atitude para se quebrar, mas, ainda que tenha consciência da necessidade de agir e reagir diante das situações, muito pouco consegue fazer por meio de sua própria iniciativa para mudar o quadro no qual está inserido. E isso se dá porque Naziazeno está condicionado a agir – ou a não agir – conforme aquilo que ficara registrado na sua memória, embora não consiga perceber tal ocorrência claramente, uma vez que as lembranças dolorosas permanecem encobertas por outras relativas a situações que guardam apenas algum elemento semelhante.

3 O LOUCO DO CATI: A METAMORFOSE PSICOLÓGICA DESENCADEADA PELA LEMBRANÇA

As ações apresentadas no enredo de *O louco do Cati*, obra publicada em 1942, ocorrem, em sua maior parte, durante os deslocamentos dos personagens pela estrada e em sua estada na prisão, ou em outros lugares onde permanecem detidos por determinado período. O narrador da trama segue os passos do protagonista nessa história que se desenrola no período do Estado Novo e que tem como personagem principal um homem visto como louco pela sociedade, em virtude das perturbações mentais que apresenta. Suas ações são, na verdade, resultado daquilo que parece ter se constituído como um trauma sofrido no passado, devido ao clima de hostilidade que vigorava na comunidade onde vivia, em Quaraí, cidade gaúcha situada na fronteira com o Uruguai.

No começo da narrativa, o protagonista está em Porto Alegre, onde fora morar ainda menino. Nessa cidade, o Louco – como as pessoas ao seu redor o denominam, visto que seu nome é desconhecido –, já adulto, vai de bonde até um armazém, no qual encontra um grupo de indivíduos que o tomam como parceiro de jornada. Esses personagens secundários são ativistas políticos que carregam o protagonista consigo, provavelmente, para encobrir sua real condição. A viagem realizada pelo grupo ao qual o Louco incorpora-se – que, inicialmente, tem como direção o litoral – traz à tona, de forma intensa, as histórias que o protagonista ouvira em sua infância, quando residia em Quaraí, sobre o presídio do Cati, localizado naquela região, e sobre os atos violentos lá cometidos. Esse presídio, construído no fim do século XIX, foi palco de grandes atrocidades, comandadas pelo general castilhista João Francisco Pereira de Souza, conhecido como a “Hiena do Cati”, após a Revolução Federalista, que terminara em 1895.

A narrativa é composta de capítulos distribuídos em cinco partes, as quais norteiam a sequência de aventuras e de peripécias vividas pelo protagonista. “A excursão”, primeira parte, revela sua reunião ao grupo de indivíduos e a viagem pelo litoral do Rio Grande do Sul. Nas primeiras páginas, já se observa que essa narrativa apresenta algumas peculiaridades: aquele que desponta como protagonista terá seus passos guiados por outras pessoas e seus pensamentos revelados por um narrador que não apenas conhece os espaços pelos quais os personagens transitam, mas também tem acesso à sua interioridade. É esse narrador quem constrói as pontes que ligam cada uma das etapas da *aventura* anunciada no título. O último

capítulo dessa parte, “Onde começam, mesmo, as Aventuras”, constitui-se em um aviso de que surpresas estão por vir.

A segunda parte, sob o título de “No escuro”, envereda pelas sombras do cárcere, revelando os pesadelos de infância do protagonista. Ele e Norberto, o líder do grupo ao qual se juntara, acabam sendo aprisionados, e, após passarem por algumas prisões, são levados de navio até o Rio de Janeiro, onde ficam detidos na Casa de Detenção. Nota-se que a viagem é, na verdade, uma fuga, uma vez que os personagens vivenciam situações de repressão, pois a história se dá entre o fim da década de 1930 e o início da década de 1940, período da ditadura getulista. É a partir desse momento do enredo literário que a causa da designação de louco fica evidente para o leitor, visto que o único discurso que ele articula é composto apenas por frases que traduzem pavor e que são pronunciadas quando se depara com lugares que se assemelham ao presídio do Cati. Até o final dessa parte, Norberto e o Louco são libertados da mesma forma como foram presos: sem motivo explícito.

A terceira parte, “Gente vivendo”, retrata o tempo em que a dupla ficou na cidade do Rio de Janeiro, após ter sido libertada. Nessa etapa da narrativa, observa-se um novo aspecto: estando à margem das relações do poder dominante, os personagens fazem uso de subterfúgios para sobreviver. Isso se evidencia quando Norberto e Lopo – um amigo daquele, que mora no Rio de Janeiro – conseguem roupas “novas” para o Louco, hospedagem para ambos, por intermédio de um esquema clandestino na pensão onde Lopo ficava, e, até mesmo, refeições patrocinadas por conhecidos. A necessidade de se lançar mão de artifícios alternativos reforça a condição de marginalização desses personagens.

Depois das aventuras pela cidade do Rio de Janeiro, o Louco é encaminhado de volta ao Rio Grande do Sul. É pelas mãos de estranhos que ele consegue iniciar sua viagem de retorno, como o título da penúltima parte – “De volta” – prevê. Reitera-se, aqui, o que já se observara: a necessidade de alguém interceder pelo protagonista no mundo ao seu redor, devido à sua perturbação psicológica. Por fim, a última parte encerra-se com uma imagem poética. A maior parcela do percurso realizado pelo Louco, dentro do Rio Grande do Sul, até chegar ao Cati, dá-se sob o mau tempo. Chuvas ininterruptas da primavera prolongam a viagem, mas também servem para libertar aquele indivíduo que, no último capítulo, “diante daquela tarde de ouro”, reencontra as ruínas do Cati transformadas em “cacos de paredes”. É quando se opera a liberação do trauma e quando ele, o Louco, percebe “o quanto ainda era moço” (MACHADO, 2003, p. 259).

Uma leitura pormenorizada e analítica dessa trama literária permite que se observem alguns dados relevantes para a organização da investigação no que se refere à questão da

memória. Conforme foi mencionado anteriormente, Dyonelio Machado percebeu, em uma experiência de sua mãe, o possível gérmen para o nascimento de seu romance mais importante, *Os ratos* (1935). Da mesma forma, o romance *O louco do Cati* possui alguns traços que parecem ter tido como matéria-prima para sua produção certas vivências de seu criador. Essa constatação referente à influência das vivências do escritor sobre sua obra ficcional pode ser mais bem entendida através de um depoimento que consta na obra *O cheiro de coisa viva: entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito – O estadista*, datada de 1995. Nesse depoimento, retirado de uma entrevista¹, o autor afirma que:

O louco do Cati tem muito da experiência da prisão... Se tem, se tem... Utilizei minhas vivências neste período (preso político de 1935 a 1937, abalado da prisão e escrevi o romance em 1941) não com um caráter memorialístico, mas como elemento para a ficção (GRAWUNDER, 1995, p. 28).

Ao se constatar, nas palavras do escritor, a sugestão de que elementos de sua vida pessoal transformaram-se em subsídios para sua criação artística, considera-se pertinente verificar, brevemente, como esse processo pode ter se desenrolado. O pesquisador Sigmund Freud dedicou-se amplamente ao estudo dos sonhos e das fantasias. Em um de seus trabalhos de análise desses fenômenos, ele se questiona sobre a origem do trabalho criativo do escritor, a quem denomina “estranho ser” (FREUD, 1907, p. 149). Ao investigar a manifestação do devaneio, Freud elabora algumas suposições no que se refere ao fato de os escritores possuírem a capacidade de transformar em trabalhos artísticos que chamam a atenção – e provocam reações das mais diversas no público – temáticas que, no cotidiano, não causariam efeito algum ou que provocariam apenas repulsa nesses leigos. O teórico levanta uma hipótese em relação ao funcionamento do mecanismo por meio do qual a obra teria origem:

uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga (FREUD, 1907, p. 156).

¹ RIBEIRO, Leo Gilson; UCHA, Danilo. Dyonelio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 23 ago, 1980, Jornal da

Observa-se que aquele mesmo sistema que fora descrito no capítulo teórico encontra-se presente, mais uma vez, pois a “poderosa experiência no presente” é captada pelo indivíduo através de sua percepção. Essa percepção trará para o consciente do indivíduo uma determinada recordação do passado que estabeleça algum tipo de relação com a vivência atual, e essa lembrança motivará, então, uma ação, que, de acordo com a análise de Freud (1907), parece ser a concretização de um desejo por ela despertado. É relevante observar que esse esquema elaborado pelo estudioso da psicanálise em relação aos escritores criativos constitui-se em uma conjectura apenas, haja vista que ele próprio afirma que esse modelo parece insuficiente. Entretanto, esse texto pode fornecer alguns subsídios para que se estabeleçam inferências a respeito do processo de criação da obra *O louco do Cati*, considerando-se as condições nas quais o escritor quaraiense produziu seu romance.

Por volta do ano de 1941, cerca de três anos após sua saída da prisão, Dyonelio Machado foi acometido de uma cardiopatia que o impossibilitava de deixar o leito. A criação do romance em questão surgiu para o escritor como uma fuga daquela cama que acabou por se constituir em sua segunda prisão. No momento em que relata a um repórter como se deu a elaboração do romance, o autor da trama literária profere o seguinte depoimento:

Para começar, eu estava prisioneiro: dessa vez prisioneiro da cama [...] com um eletrocardiograma que afinava pelo que eu sentia. Numa situação destas é muito fácil desesperar. Ou procurar [...] uma sublimação do mal. Optei por esta última [...] Decidi porém fazer, quanto à forma, um romance-revista (GRAWUNDER, 1995, p. 30).

Vê-se que *O louco do Cati* funcionou como uma espécie de fuga para que o escritor se salvasse daquele seu problema de saúde. O fato de estar preso em uma cama acordou a lembrança do tempo no qual estivera encarcerado na Casa de Detenção. Essa lembrança, por sua vez, parece ter despertado, no autor, a vontade de sobreviver à nova prisão que lhe era imposta, dessa vez por uma disfunção no coração. Nesse sentido, a apresentação de um protagonista que parece estar aprisionado não apenas no momento presente, nos presídios pelos quais é conduzido com o companheiro Norberto, mas também aos traumas do passado – e que, ao final do romance, de certa forma, liberta-se dessas perturbações – mostra o desejo de o escritor igualmente libertar-se das memórias que o remetem ao cárcere. Conforme Maria

Zenilda Grawunder, o autor experienciou, na infância, situações semelhantes às trazidas pelos traumas do personagem em foco:

A vida de Dyonelio foi povoada – nas suas origens – de “causos” e horrores tanto da Revolução Federalista quanto da Guerra do Paraguai, relatados por ex-combatentes nas rodas comuns de chimarrão, durante as frias noites da Campanha gaúcha. Tais lembranças reapareceriam mais tarde, transfiguradas pela ficção, especialmente no segundo romance, *O louco do Cati* (GRAWUNDER, 1995, p. xiii).

Seria possível inferir, então, que o desejo do escritor não era apenas libertar-se das memórias do cárcere, mas também daqueles seus traumas da infância. Portanto, a obra *O louco do Cati* parece, de fato, constituir-se em uma “sublimação do mal”, conforme o próprio escritor Dyonelio Machado afirma.

3.1 A evocação de traumas infantis através da percepção

Ao se analisar, atentamente, a trajetória do protagonista do romance *O louco do Cati*, percebe-se que sua vida é atormentada por algumas passagens de sua infância. A fim de que se compreenda o modo pelo qual as perturbações desse período da existência podem surgir no presente do indivíduo – nesse caso um homem de quem nem mesmo se conhece o nome –, é relevante que se retome a conceituação bergsoniana de que “a lembrança [...] representa precisamente o ponto de intersecção entre o espírito e a matéria” (BERGSON, 2006, p. 5). Ainda, para que essa intersecção aconteça, há, inicialmente, a participação da percepção do indivíduo que capta as imagens do presente e, ao assim proceder, aciona lembranças que estão guardadas no espírito e que possuem algum tipo de semelhança com tal percepção atual. Para que esses elementos entrem em funcionamento, é necessário que a psique estabeleça contato com o sistema sensório-motor. Esse evento se processa através da memória.

Assim como em qualquer outro sistema, no instante em que algo de anormal acontece, há um descompasso entre os sistemas sensório-motor e psicológico. Ao constatar tal possibilidade, Bergson afirma que “o que se toma ordinariamente por uma perturbação da vida psicológica [...] revela-se de nosso ponto de vista, como um relaxamento ou uma perversão da solidariedade que liga essa vida psicológica a seu concomitante motor”

(BERGSON, 2006, p. 8). De tal modo, uma vez que o sistema sofre alterações desse tipo, o indivíduo tende a apresentar “uma alteração ou uma diminuição de [sua] atenção à vida exterior”, fazendo com que seu comportamento seja inusitado (BERGSON, 2006, p. 8).

Ao proceder-se à análise da obra *O louco do Cati*, tendo presente esses elementos teóricos, percebe-se que o processo pelo qual o Louco passa é semelhante. O processo psíquico por ele apresentado consiste em um aparente desligamento da realidade, ocorrido no momento em que recordações do passado voltam à sua mente. Essas memórias redirecionam a trajetória do personagem, embora não sejam os elementos predominantes que compõem a narrativa. Logo no princípio do romance, depois de o protagonista reunir-se ao grupo de companheiros para a viagem de “prazer”, a percepção do banco do caminhão no qual eles viajavam, o Borboleta, traz ao protagonista uma lembrança da infância:

Aquele banco duro evocava-lhe um quadro antigo, o seu tanto apagado: Uma madrugada alta... A mãe, vestindo um vestido de chita preta já quase branco... A varandinha mal iluminada por um lampião de querosene (uma luz avermelhada)... Um café nervoso, cheio de esperanças tristes e de apreensões... [...] A diligência! “- Vai, meu filho!” – Um abraço... um nó... O ar frio da noite e uma voz clara, voz da madrugada: “- Tem um lugar aí no pescante!” – E o rapazinho finalmente se acomodando entre dois passageiros bondosos, caras escanhoadas, distintas, soprando um vapor leve por entre os agasalhos da viagem [...] (MACHADO, 2003, p. 20).

Um simples banco duro de um automóvel revela traços determinantes do passado do homem, e que parecem ter relação direta com a condição na qual ele se apresenta nesse momento do romance. A cena que retorna à sua mente refere-se ao momento no qual, ainda menino, despediu-se de sua mãe, saindo de sua cidade natal rumo à capital do estado, Porto Alegre. Juntamente com tal imagem, toda a tristeza que sentira naquela época torna-se presente, e ele se desliga da realidade; apenas olha ao longe. É evidente que o mecanismo exposto por Bergson, no que diz respeito à relação da percepção com a lembrança, faz-se presente nesse excerto do romance, na medida em que a percepção evoca certa recordação do Louco que lhe provoca determinada reação: ele fica inerte, imóvel.

A reação provocada no indivíduo, nesse instante, não o impulsiona a qualquer ação prática, porém o fato de mostrar-se calado e quieto não deixa de representar uma modificação em relação ao período imediatamente anterior – os instantes prévios ao momento no qual ele se recorda da imagem do passado. Bergson constata que “há portanto, enfim, tons diferentes de vida mental, e nossa vida psicológica pode se manifestar em alturas diferentes, ora mais

perto, ora mais distante da ação, conforme o grau de nossa *atenção à vida*” (2006, p. 7, grifo do autor). Assim, aquilo que se observou na revisão teórica, no que concerne ao fato de a memória, ao interligar corpo e espírito, impulsionar o indivíduo ao futuro, consolida-se, ainda que não por meio de uma ação concreta, pois, naquele momento, estando o protagonista fixado na lembrança do pretérito, seu tempo presente não deixa de fluir e, conseqüentemente, de diluir-se no futuro.

Contudo, é possível verificar a existência de algum descompasso que faz com que as recordações adquiram uma grande intensidade, de modo a isolar o personagem principal da realidade. Essa suspeita começa a ganhar maior notoriedade quando o Louco, juntamente com aquele grupo de parceiros ao qual se juntara, chega à hospedaria de seu Ricardo, no trajeto que faziam até o litoral. A primeira impressão que o protagonista tem, no início da noite, ao ver aquele prédio em meio à penumbra, evoca a lembrança das tantas vezes nas quais ele teve de se deslocar com sua mãe por casas de parentes e hospedarias:

[...] Os quartos de hóspedes da campanha... Ele e a mãe... A chegada deles uma noite à casa daquele velho parente, de barba longa, muito branca. A tia Tucha ia justamente sair, ela e o marido (muito moços), a cavalo. Iam a um baile. A tia Tucha ficara-lhe sempre moça, trêfega. – E era isso uma imagem consoladora naquele eterno quarto triste, de abandono [...] (MACHADO, 2003, p. 26).

Mais uma vez, a representação de sua infância, que volta à sua consciência, é de tristezas, de dificuldades e de precariedade. A cada memória da meninice, reforça-se a condição na qual o homem crescera: as roupas humildes e gastas da mãe, a cor preta sinalizando o luto, o uso do lampião de querosene, a falta de uma residência fixa, a necessidade que a figura materna tinha de ser auxiliada por parentes. Nesse momento da narrativa, embora esteja presente, de modo implícito, percebe-se que algo parece haver acontecido ao pai do garoto, e que isso se constitui no condicionante para a situação na qual sua família se encontrava no período de sua infância. Na manhã seguinte, após aquela visão noturna da hospedaria do passado, quando o Louco se depara com a fachada do hotel de seu Ricardo à luz do dia, outra imagem, bastante distinta, surge-lhe, atormentando-o profundamente: a sensação de estar diante do Cati.

A lembrança daquele presídio que, conforme já se observara, estava localizado na região da fronteira, próximo à cidade de Quaraí, e que fora palco de inúmeros desmandos, após a Revolução Federalista, deixa-o em pânico, e ele grita: “Isto! Isto é o Cati!

(MACHADO, 2003, p. 28). Ao observar, num relance, as características daquele prédio semelhante a um quartel ou a uma prisão, ele confirma: “- É o Cati! [...]” (MACHADO, 2003, p. 28). A descrição elaborada pelo narrador a respeito da reação do homem diante de tal construção de aspecto militar denota a exata dimensão da influência dessa memória para a psique do Louco: “A surpresa da ‘revelação’ era tão intensa, que lhe imobilizara os braços naquela atitude de crucificado.” (MACHADO, 2003, p. 28). A seguir, envolvido naquela perturbação, sua noção de realidade perde-se e ele pensa que Norberto e as outras pessoas que estão ali ao seu redor são soldados ou militares, e que eles o estão cercando para efetuar sua prisão:

Era um cerco! O pânico desmanchou aquela sua atitude. Uma revista rápida e apavorada. Depois a fuga – ordenada, a julgar por um trancão de passadas compridas, que o afastou logo dali, pra mais longe, para o matinho mirrado, todo retorcido pelo vento cortante do mar (MACHADO, 2003, p. 28).

Diante do perigo por ele visualizado, sua única opção é a fuga, e essa tentativa de escapar daquele lugar que lhe parecia o presídio do Cati reforça a circunstância de que seu estado psicológico está abalado, pois ele transfere para o presente a sensação de acumamento e de medo que parece ter vivenciado no passado. De alguma forma, o que, na sua infância, constituía-se apenas em uma ameaça, concretiza-se, como se fosse algo real, e tal parece ser a razão de seu desequilíbrio psicológico. O movimento da memória isola o Louco da realidade, e nesse isolamento, desesperado, ele se perde em meio a um mato próximo daquela estalagem. Enquanto se perde pelo matagal, sua mente é povoada por várias lembranças que o remetem àquele espaço de uma época pregressa, senhor de seus tormentos. No instante em que essas recordações ressurgem para o personagem principal, surge também um breve diálogo que este mantinha com a mãe, sempre que via um homem ser carregado para o Cati. O então menino perguntava: “- O que é que eles vão fazer com o homem, mãe?”. E sua mãe lhe respondia em tom de repreensão: “- Psiu! Vão matar ele lá no Cati [...]” (MACHADO, 2003, p. 29).

Esse diálogo explica, em parte, a reação do Louco, visto que, para uma criança, ouvir o comentário de que alguém será morto no presídio poderia consistir em um fato bastante intenso e que, provavelmente, povoa o imaginário de inúmeros pensamentos conflitivos. Percebe-se, portanto, que a atmosfera na qual o menino estava inserido é de acumamento, de medo, de apreensão. As pessoas viviam à sombra daquele presídio assustador, e o garoto,

tendo a imaginação repleta das mais diversas imagens referentes ao lugar, não consegue libertar-se da presença constante do elemento que se constituía em um monstro aterrorizante. Essa sensação permanece, então, registrada tão intensamente que faz com que ele cresça enredado nessas lembranças infantis, de modo a perder-se da realidade. É relevante ressaltar que essas recordações do presídio do Cati e toda a sua perturbação não surgem gratuitamente para o Louco, na idade adulta, visto que as situações que ele percebe no presente acordam-lhe as vivências do passado. A hospedaria do seu Ricardo é o primeiro exemplo da necessidade de algo que possa ser percebido no presente para que uma memória seja evocada, haja vista que, ao enxergar aquele prédio de aspecto militar, é que o protagonista faz a associação com o Cati, desespera-se e corre desorientado. Ao fugir, pelo mato próximo, mais lembranças fazem-se presentes em sua mente, uma vez que sua percepção permanece captando elementos que se assemelham àqueles fatos do passado:

- Recordou-se de um mato da sua infância, - uma cabelama escura e densa, enchendo de mistério e receio todo o fundo dum extenso grotão – cabelama mais escura naquele crepúsculo úmido de inverno. Uma corrente mugia lá embaixo. Nas palavras informativas, depois repetidas, cochichadas, havia uma apreensão: - É o *Passo da Guarda* [...] (MACHADO, 2003, p. 33, grifo do autor).

Além de recordar um espaço de sua infância, o homem também se lembra da sensação que se tinha naquele tempo e da atmosfera que circundava o local. A sua memória deixa entrever que, quando garoto, ele passava por aquele mato – o Passo da Guarda –, com outros meninos, talvez, e que todos sabiam o que provocava aquela apreensão quando se transitava por lá. Possivelmente, era pelo matagal que os guardas e soldados do presídio passavam com seus prisioneiros. A sequência da narrativa traz um detalhe bastante relevante para a compreensão dos motivos pelos quais a figura do Cati ficara tão marcada na consciência do Louco.

No momento em que ele se dá conta de que está fugindo em meio ao mato fechado, surge-lhe a lembrança do pai – inclusive essa é a única vez em que alguma recordação referente à figura paterna aparece-lhe na duração da narrativa. A cena na qual seu pai estava presente é a de uma reunião, em sua casa, com alguns parentes e amigos. O assunto desse encontro parece ser o descontentamento das pessoas diante de algum fato, e, a julgar-se pela atmosfera de repressão imposta pelo presídio e por seu comandante João Francisco Pereira de Souza, essa desaprovação referia-se ao poder militar instituído na região: “... Uma vez, o pai

ainda vivia. Estava conversando com amigos lá dentro, na varanda. Toda a família se achava reunida ali. Conversa séria. Parece que era coisa de queixas, de casos que não estavam certos, de injustiças” (MACHADO, 2003, p. 33). A especulação sobre as razões que motivaram esse encontro intensifica-se, na sequência da memória, no momento em que o Louco relembra que essa conversa fora interrompida, pois se ouviram barulhos que poderiam ser da guarda do presídio. Além disso, a curiosidade do menino faz com que sua mãe confirme a suspeita de que o assunto tratado naquele momento referia-se ao Cati:

Num dado momento porém a palestra subitamente se suspendeu! Um deles saiu pé ante pé. Foi até a porta da rua, espiou. Voltou tranqüilizado: podia-se continuar. “- O que é que o tio Cuta foi ver na porta da rua, mãe?” “Psiu! Um menino não fala dessas coisas”. “- Que coisas, mãe?” “- Cala a boca: o Cati!” (MACHADO, 2003, p. 33-34).

No que concerne a essa memória em análise, o aspecto interessante reside no fato de que o pai do homem considerado maluco parece estar envolvido em algo que era clandestino, que infringia o poder instaurado naquele local e que, conforme as lembranças do protagonista, era opressor. A recordação relatada por aquele que narra a história inicia com a seguinte frase: “... Uma vez, o pai ainda vivia”. Observa-se que o pai do menino morrera quando este ainda era jovem, o que se comprova através da apresentação das lembranças que ele tem de seus deslocamentos por casas de parentes e hospedarias, apenas acompanhado de sua mãe, aliado ao fato de, em uma de suas recordações, esta surgir “vestindo um vestido de chita preta já quase branco”, demonstração, ao mesmo tempo, das dificuldades financeiras e do luto (MACHADO, 2003, p. 20). Ao observar-se essa situação configurada no passado do indivíduo, arrisca-se inferir que a ausência do pai do Louco tenha alguma relação com as atrocidades cometidas pelos militares responsáveis por “manter a ordem” conforme os desígnios do governo federal e que tinham sua representação maior na figura do presídio do Cati.

A intensidade da influência das memórias nas vivências do “homem do Cati” é verificada, também, pelo número de vezes em que elas se fazem presentes. Especialmente nos dois primeiros capítulos, nos quais aparece pela primeira vez a lembrança do presídio do Cati, várias são as situações recordadas pelo homem perturbado. O surgimento dessas imagens antigas está condicionado à situação atual na qual ele está inserido – que é de fuga – e que fora provocada pela primeira visão da hospedaria de seu Ricardo no início da manhã. Em sua

correria sem rumo no meio do mato, retorna-lhe à mente uma ocasião na qual vira um grupo de “índios” serem levados como prisioneiros para o Cati, assim como as histórias que ouvira em torno desse acontecimento. Esses “índios” eram sobreviventes do que parece ter sido uma batalha e que terminara com a degola de grande parte deles, como era comum acontecer naquela região no período pós-Revolução Federalista: “os presos eram uns ‘índios’ maltrapilhos. [...]. Eram os sobreviventes. Dez ou doze. A grande maioria tinha sido degolada. [...] – O Tenente passou rapidamente pelo ponto onde se achavam os guris: tinha as feições excessivamente pálidas, finas [...]” (MACHADO, 2003, p. 34).

Essa lembrança do passado desnordeou o Louco de forma ainda mais intensa, fazendo com que ele visse, em meio à sua fuga, os homens do presídio executando “alguma batida”. Através do relato do narrador a respeito da repercussão dessa memória nas ações do indivíduo, pode-se verificar, em um primeiro momento, o fato de que, com efeito, as lembranças influenciam as ações nascentes do homem. A passagem citada a seguir permite verificar que uma intensidade exagerada de recordações surgidas faz com que esse ser ficcional perca completamente sua noção de realidade: “Ele parou, no meio do mato, assaltado pelas visões. Agora era uma cavalgada, de noite, desembocando na rua escura, deserta. [...] Só se viam os reflexos metálicos de botões doirados sobre dólmenes negros. – alguma batida... Alguma batida noturna!” (MACHADO, 2003, p. 34).

A cena narrada pelo condutor da trama literária suscita a reflexão acerca de um questionamento elaborado por Henri Bergson sobre a possibilidade de as memórias – pelo fato de surgirem na consciência – provocarem certa desordem psicológica, misturando sonho e realidade. O teórico procura esclarecer, então, que, de fato, isso aconteceria, “se nossa consciência atual, [...] não descartasse todas aquelas imagens passadas que não são capazes de se coordenar à percepção atual” (BERGSON, 2006, p. 92). Ainda, ele complementa tal afirmação, ao constatar que, uma vez não podendo conectar-se com a percepção atual, essas memórias não são capazes de ser úteis à psique humana a fim de conduzir o indivíduo ao futuro na duração.

O que se pode averiguar na análise das memórias do Louco do Cati é exatamente a incapacidade de sua consciência de descartar as imagens que não são úteis, ou seja, que não se colocam como pontes que o conduzam, por meio da sucessão temporal, ao futuro. Assim, a insistente permanência dessas lembranças do presídio do Cati faz com que sonho e realidade confundam-se, desorientando o personagem principal. Em alguns momentos da narrativa, observa-se que a mente do homem é povoada não somente pelas situações que via e vivenciava, mas também pelas histórias que ouvia sobre aquele local apavorante. Nos seus

tempos de menino, em uma das oportunidades nas quais ouvira histórias sobre o Cati, ficara-lhe gravada uma imagem representativa dos homens que faziam parte da guarda daquele presídio e que, por várias vezes, fizeram “batidas” em vilarejos nos arredores de onde residia: “caras pálidas, fantásticas, em uniformes negros, lendários [...]” (MACHADO, 2003, p. 34). Em momentos posteriores da narrativa, essa lembrança surgirá para o Louco e, assim como os demais elementos relacionados à prisão do Cati, constituir-se-á em um motivo para apavorá-lo.

Percebe-se, nesse conjunto de memórias extraídas dos capítulos “O Cati” e “O cati (continuação)”, que constituem a primeira parte da trama literária, a intensidade com que retornam as recordações do Louco. Na sequência do romance, quando não há mais situações presentes que possam assemelhar-se às situações de cárcere, o Louco não relembra o Cati. Suas memórias parecem ficar adormecidas até o momento em que uma determinada vivência do presente é percebida pelo sistema sensorio-motor e traz do passado alguma experiência antiga. Assim, no decorrer daquela “viagem de prazer”, na qual estavam Norberto – o líder do grupo –, Maneco Manivela, Léo, o homem que guiava o Borboleta e o Louco, depois de terem saído da hospedaria de seu Ricardo, nenhum fato inusitado se dá no que se refere ao pânico que o Louco tem do Cati. Essa calma temporária ratifica o raciocínio organizado por Bergson, de acordo com o qual as memórias do passado ressurgem no presente através da percepção atual do indivíduo. Nessa perspectiva, o teórico constata que, a fim de que “uma lembrança reapareça à consciência, é preciso com efeito que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a *ação*” (BERGSON, 2006, p. 179, grifo do autor).

Constata-se, portanto, que, não havendo percepções que se interliguem às memórias do passado, essas permanecem inconscientes, uma vez que “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensorio-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida”, ou seja, adquire um caráter de utilidade (BERGSON, 2006, p. 179). No entanto, tão logo uma situação presente lhe requeira uma recordação do passado, essa é trazida ao plano consciente, determinando, parcialmente, a ação do indivíduo. Assim, os tormentos do Louco retornam quando ele e Norberto, já desligados do restante do grupo, são abordados por oficiais da polícia na cidade de Araranguá, localizada no estado de Santa Catarina. A mesma expressão de pavor que lhe tomara conta quando se deparara com aquele prédio de aspecto militar retorna no momento em que os policiais os detêm: “Isto! Isto é o Cati” (MACHADO, 2003, p. 63).

Novamente, é através da voz do narrador que se vem a conhecer o restante da cena, assim como se percebe o apavoramento do homem, visto que quase não é conferida a palavra

a esse personagem para que ele se expresse. A maioria das vezes em que se manifesta é por meio de gritos e expressões de medo e de pavor relacionados ao presídio do Cati. Desse modo, fica a cargo do narrador, mais uma vez, complementar a descrição da cena: “Ouviu-se uma voz de terror, de terror, pânico. [...] Era o maluco, um pé no ar, a cara de dor e os olhos fundos escancarados para aquele ‘aparato’” (MACHADO, 2003, p. 63)². Até o momento da detenção de Norberto e do Louco, as lembranças do Cati tinham sido acordadas apenas pela visualização daquela hospedaria. A partir desse instante, porém, situações reais de aprisionamento e de cárcere irão se constituir em motivos que trarão à tona os pesadelos e os conflitos do protagonista do romance.

Após uma viagem aparentemente tranquila, o caminhão no qual os homens, então detidos, são transportados alcança Florianópolis. Ao atingirem a capital catarinense, Norberto e o Louco são diretamente encaminhados ao presídio da cidade. No momento em que eles chegam ao local da prisão, mais uma vez, o Louco relembra o presídio do Cati. “Aquele porta fechada com grades e um soldado de baioneta calada montando guarda” foram imediatamente percebidos pelo protagonista, que prontamente questionou Norberto: “- Isto não será o Cati?”. Apesar da sensação que lhe surge, a resposta negativa de Norberto – “- Deixa de ser bobo.” (MACHADO, 2003, p. 79) – parece, momentaneamente, ter o poder de tranquilizar aquele homem perturbado. O tumulto renasce quando a dupla já está na cidade do Rio de Janeiro, após uma longa viagem de navio, iniciada em Florianópolis.

Nas descrições elaboradas pelo narrador acerca das aventuras dos dois homens, é possível perceber o comportamento do Louco, consequência das experiências que tivera e que ressurgem no seu cotidiano sob o formato de memórias. Desde o princípio da narrativa, quando ainda estava no bonde com o qual chegara ao armazém onde Norberto e os outros companheiros se encontravam, ele dá demonstrações de um comportamento peculiar. Naquela oportunidade, sem ter conhecimento sobre qual era a moeda corrente no período, ele pagara sua passagem no bonde com um centenário, dinheiro que, conforme o narrador dessa trama literária observa, “não valia” (MACHADO, 2003, p. 13). Nesse momento, há um grande atarantamento por parte do indivíduo de chapéu de copa alta – o Louco –, mas, ao final, ele consegue pagar sua passagem. Adiante, quando o grupo ao qual ele se incorporara já havia deixado a capital, Porto Alegre, para a viagem “de prazer”, o Louco mostra-se calado, silencioso: “depois de haver tirado o casaco (por insinuação de um deles, em vista do calor

² É válido observar que o fato de o Louco estar com o pé “no ar” não se deve ao seu apavoramento, mas a um pequeno incidente no qual ele se machucara dentro do caminhão.

que aumentava) alongara o focinho para a frente e assim ficara” (MACHADO, 2003, p. 18). Na cidade de Capão da Canoa, Norberto estava em uma casa de jogos, distraído-se com alguns indivíduos, enquanto “o companheiro esperava invariavelmente num canto, na semi-obscuridade” (2003, p. 60). Novamente, reforça-se o comportamento quieto, de alguém que se perde em meio aos seus próprios pensamentos, desligando-se da realidade. As pessoas que estão ao seu redor também percebem seu um comportamento extremamente introvertido, o que se julga anormal aos olhos da sociedade na qual ele parece circular, embora talvez não se possa afirmar que ele esteja nela inserido. Ainda na casa de jogos, um homem diz, referindo-se ao Louco: “- Sempre tão quieto... O que é que ele faz?”. Ao que Norberto responde: “- Ele cisma” (MACHADO, 2003, p. 60).

De modo geral, esse comportamento introspectivo permanece durante todo o romance, sendo interrompido apenas nos momentos de pânico, nos quais o protagonista, extremamente apavorado, grita algumas frases sobre o presídio do Cati. Essa manifestação de desespero reaparece quando ele e Norberto estão sendo conduzidos para sua cela, dentro da Casa de Detenção do Rio de Janeiro. Instantaneamente, ao perceber que seria detido, o Louco tenta fugir e, completamente fora de controle, grita: “- É o Cati! Não me digam que não!”. Em seguida, suplica, “depois de uma respiração ruidosa e difícil, numa voz berrada e choramingada a um tempo: - Não me levem para o Cati.” (MACHADO, 2003, p. 95). Todo esse pavor é logo explicado pelo surgimento, mais uma vez, daquela memória de sua infância relativa ao momento no qual ele descobrira o que faziam com os prisioneiros no Cati: “(‘o que é que vão fazer com o homem, mãe?’ ‘Vão matar ele lá no Cati...’)” (MACHADO, 2003, p. 95).

O visível desequilíbrio psicológico do protagonista impede que ele identifique o que realmente faz parte da realidade presente, e, por isso, ele pensa que seu destino, naquela prisão onde os oficiais queriam lhe colocar, seria a morte, assim como o dos prisioneiros arrastados para aquele presídio da campanha no final do século XIX. Um elemento ainda mais revelador, no que se refere à confusão estabelecida na mente do personagem em foco, é o fato de ele pensar que a Casa de Detenção era, na verdade, o presídio do Cati. Tamanho é o terror que ele tem de ser trancafiado e morto naquele lugar que pensa ser a prisão situada na fronteira gaúcha, que acaba sendo necessário o emprego da força, e até da violência, para dominá-lo e fazê-lo entrar no “cubículo quatorze”. O próprio narrador descreve a reação do homem como sendo o fruto de um “terror vesânico”, ou seja, um medo que provém de uma grande perturbação mental e que, como já se sabe, tem origem em suas lembranças infantis. (MACHADO, 2003, p. 96).

Já alojado na prisão, o Louco tem suas expressões de angústia reduzidas, embora permaneça calado, com aquele aspecto aflito de uma contemplação triste. Não havendo outras percepções que lhe acordem as recordações do Cati, ele aparenta tranquilidade, embora esteja mentalmente desorientado. Sem motivos que se liguem às memórias, estas permanecem adormecidas, porém qualquer referência a algo relativo ao cárcere, novamente, coloca-lhe em estado de alerta, em pânico.

Após ser libertado daquela prisão carioca e de morar alguns meses na então capital da nação, com Norberto, o Louco é conduzido de volta ao Sul do país. Assim como acontecera desde o início da narrativa, esse indivíduo perturbado parece ter seus caminhos orientados por pessoas estranhas. Em uma de suas viagens de navio, quando retorna para sua terra natal, integrantes da tripulação encontram um passageiro clandestino naquela embarcação, e, quando o comandante manda que o coloquem atrás das grades, o Louco tem um sobressalto, gritando: “Cati! [...]” (MACHADO, 2003, p. 184). Isso atesta que, mesmo havendo ficado vários meses sem a recordação daquelas imagens do passado – por não ter ocorrido qualquer situação presente, semelhante às recordações do Cati, captada pela percepção – a primeira referência ao assunto remete-lhe imediatamente às cenas da sua infância e reaviva seu terror, talvez agora ainda mais intensificado pelo período em que ele próprio esteve no cárcere.

Essa manifestação do Louco chama a atenção de um médico que está a bordo, pois o faz recordar, também, alguma situação pertencente ao seu passado. Mesmo em personagens secundários da narrativa pode-se verificar a manifestação do mecanismo bergsoniano que interliga o corpo e o espírito através da recordação, conduzindo o indivíduo em questão ao futuro, através de suas ações nascentes. No caso do médico, o doutor Valério, a reação à memória acordada parece ser sua aproximação do Louco, o que faz com que ele acompanhe aquele homem oriundo da fronteira gaúcha por alguns dias, em Florianópolis, e o encaminhe à cidade de Lajes. O momento da despedida entre o doutor e o Louco, quando este é conduzido ao caminhão que o levará a outra cidade catarinense, de onde seguirá para o Rio Grande do Sul, funciona como uma alavanca que impulsiona, mais uma vez, uma memória do passado ao presente. Nesse caso, a lembrança reavivada pela percepção da despedida é, também, a sua despedida da mãe, na infância, quando deixara sua terra natal e partira, sozinho, para a capital:

[...] Outra vez aquele quadro: um mocinho (quase um menino), tomando um café nervoso, cheio de esperanças tristes e de apreensão... Um barulho desconjuntado de ferros, enchendo a rua ainda escura da pequena cidade... A diligência! “- *Vai, filho...*” Pressa. Um abraço. Mãos (cheias de cheiros) de menino – nas costas magras da mãe. Um nó. Um quase-solução... E aquela voz, voz clara da madrugada: “- *Tem um lugar aqui no pescante*”. Ele acomodando-se entre as duas caras barbeadas, que exalavam um vapor leve por entre os agasalhos de viagem. Enquanto todos os galos da pequena cidade cantavam ao sol que iria nascer (MACHADO, 2003, p. 193).

A recordação da despedida de sua mãe, no instante em que o personagem principal se despede do médico, deixa entrever que ele se afeiçoara à pessoa do doutor, aproximando a dor que sentira no passado com essa que parece sentir no momento presente. O reaparecimento dessa lembrança, na trajetória do Louco, suscita uma reflexão no que se refere à ordem na qual as vivências do passado são trazidas ao presente do indivíduo. No desenrolar dessa trama narrativa, é possível observar que as memórias da infância do Louco retornam aleatoriamente, restringindo-se a “obedecer” apenas às percepções que acabam por se tornar a ponte que as ligam ao momento presente, enquanto elas próprias – as recordações – serão as pontes que conectarão o presente ao futuro. E, exatamente, por serem orientadas pelas percepções, sua ordem de surgimento não condiz com aquela na qual os eventos aconteceram originalmente.

Henri Bergson (2006), ao observar essa ocorrência, juntamente com outros fatores, estabelece a diferença entre a forma como se percebem objetos e o modo como são sentidos os estados psicológicos, os sentimentos e as sensações. Afirma Bergson que, no espaço, após algumas repetições, o indivíduo é capaz de identificar quais objetos estão ao seu redor; e de prever o que encontrará. Já no caso dos estados emocionais, exatamente pela presença da memória, o protagonista não é capaz de prever qual a sensação que lhe surgirá a seguir. O teórico constata que, na primeira percepção dos objetos, “os termos condicionam-se de uma maneira totalmente determinada, de modo que o aparecimento de cada novo termo possa ser previsto” (BERGSON, 2006, p. 170). Por outro lado, no que diz respeito às lembranças, verifica-se que estas se apresentam “numa ordem aparentemente caprichosa. A ordem das representações é, portanto, necessária num caso, contingente no outro” (BERGSON, 2006, p. 170).

Ao construir esse raciocínio, o estudioso deixa explícito, da mesma forma, um certo desvio em relação a esse pensamento, na medida em que observa que as lembranças e as vivências do passado também assumem determinado formato e que o caráter do ser humano constitui-se em um resumo de toda a sua experiência anterior, pois, “se examinarmos de perto, veremos que nossas lembranças formam uma cadeia do mesmo tipo, e que nosso *caráter*,

sempre presente em todas as nossas decisões, é exatamente a síntese atual de todos os nossos estados passados” (BERGSON, 2006, p. 170, grifo do autor). Assim, o teórico francês observa que a vida psicológica anterior do indivíduo é mais presente e mais real do que o mundo externo do qual apenas uma parte muito pequena é percebida.

Essa constatação apresentada remete à trajetória do Louco, pois, conforme já se estabelecera no decorrer dessa análise, mesmo em momentos nos quais as lembranças apavorantes do Cati não se faziam presentes, o protagonista permanecia em um estado inerte, em uma espécie de mundo próprio, ausente da realidade na qual circulava. Ora, isso comprova que seu comportamento atual condensa as recordações de suas vivências da infância, as quais lhe povoavam o imaginário de medo e de apreensão, e que, possivelmente, deixavam-no cismado já naquele período, como seu companheiro Norberto inferira em certa ocasião. Essa caracterização do protagonista retorna e mantém-se durante todo o período no qual ele faz o trajeto de volta até sua cidade natal, no Rio Grande do Sul, uma vez que nada ao seu redor, nem no comportamento das pessoas que o circundam relembra o presídio do Cati e seus pesadelos. Nesse instante, ele vive, então, certa calma, certa tranquilidade.

A perturbação ressurgiu quando o Louco está hospedado em um hotel, na cidade de Livramento, acompanhando outro homem. Nesse hotel, ao serem conduzidos ao refeitório, têm de ser acomodados em uma mesa junto a um certo homem, *El comandante* Amilívio. Este, ao conversar com o grupo que se aproximara de sua mesa, fala do temporal e do perigo de enchentes e faz referência a um rio, o Cati. Conforme já se poderia imaginar, a simples verbalização dessa palavra provoca, no Louco, reações das mais diversas, reavivando os temores que ele possui. Nessa ocasião, conforme o narrador descreve, “o maluco, que parecia estranho a tudo aquilo [...], o maluco teve uma estremeção. Seus olhos procuravam a cara barbada, nada vulgar, do comandante Amilívio [...] e tiveram uma faísca trêmula onde luzia inquietação [...]” (MACHADO, 2003, p. 239).

Já muito próximo do final da narrativa, o avião no qual o Louco e grupo de passageiros se deslocavam até a fronteira do estado é forçado a pousar em meio a um campo, devido às más condições do tempo. Nessa oportunidade, *El comandante* veste uma capa preta para proteger-se da garoa e da temperatura fresca. Imediatamente ao ver esse homem de capa preta a andar a sua frente, o Louco desespera-se: “- O Cati! O Cati!” (MACHADO, 2003, p. 249). A descrição elaborada pelo narrador no que se refere à causa desse novo rompante permite observar sua relação com o apavoramento do protagonista: “contra a tarde cinzenta, a sua figura alta e negra tinha um aspecto estranho, lendário [...]” (MACHADO, 2003, p. 249). Um olhar atento direcionado a essa caracterização do comandante remete o leitor, de maneira

direta, àquele tenente que o Louco, ainda menino, vira levando para o presídio do Cati aqueles “índios” maltrapilhos feitos prisioneiros. O relato do narrador sobre esse fato do passado revela a dimensão da lembrança na memória desse homem atormentado:

Informava-se ali que o Tenente – um tenente do Cati – tivera de, em plena carnagem, mudar o dólma de pano preto, – que ficara todo ensopado de sangue. (Naquela “batida” ele era o comandante da força.) – O Tenente passou rapidamente pelo ponto onde se achavam os guris: tinha as feições excessivamente pálidas, finas [...] (MACHADO, 2003, p. 34).

Vê-se, logo, que uma cena dessa natureza, inserida na história da morte dos prisioneiros e, ainda, associada a todo o contexto no qual o menino crescera, somente poderia suscitar medo e horror, levando-o, na vida adulta, ao visualizar aquela situação da infância, a pronunciar aquela expressão, que se referia ao responsável por seu terror. A cena na qual ele grita o nome Cati é assim descrita pelo narrador: “o maluco disse isso, atirando as palavras nas costas da figura negra, – como cuspos, e fugiu à disparada” (MACHADO, 2003, p. 249). Como já se afirmou anteriormente, essa é a última vez, na história, que o personagem principal foge devido às lembranças do Cati, pois, quando se embrenha nos matos e nos campos naquela região próxima de sua cidade natal, certas mudanças em seu estado psicológico começam a ser verificadas. Isso não significa, no entanto, que essa fuga seja menos tortuosa do que as anteriores. Ao embrenhar-se no matagal, ele reconhece algumas características daquele lugar, já visitado em sua infância:

A cada momento, o mato lhe oferecia os velhos aspectos conhecidos da infância. Um cheiro de cascas de pau, de gravetos, de troncos apodrecidos, que os seus pés, inábeis, desmedidos, esmagavam e desfaziam como farinha; coisas que agora fermentavam com as chuvas. Um gorgolejar de água caindo dum barranco, como se pulasse um degrau (MACHADO, 2003, p. 252).

As experiências que o protagonista passa a vivenciar nessa sua última fuga começam a aproximá-lo, cada vez mais, de sua infância e dos espaços que se fizeram presentes naquele período. Inesperadamente, ele ouve, “sobrepondo-se a tudo isso, – o uivar do lobo, clamando, da sua plataforma, a goela espichada, clamando contra ele!” (MACHADO, 2003, p. 252). Esse lobo, na realidade, é o cão, de propriedade do dono da fazenda Santa Cecília – onde o

avião fizera o pouso de emergência –, que apenas correu e latiu em um campo nas redondezas da sede do local, de acordo com os fatos realmente ocorridos e que são descritos pelo narrador. Contudo, para o Louco, aquele cão o perseguia, chegando a figurar, em suas visões, como um lobo. Nesse momento, o homem perturbado parece atingir a degradação máxima, o estado de perturbação mais intenso, até que parece dar-se conta de que aquele cão era uma ilusão. Isso pode ser inferido por meio da análise do fragmento abaixo, no qual há a descrição do momento em que o homem ouve, muito próximo de si, o ladrar do cão. Entretanto, quando resolve voltar-se para trás a fim de comprovar aquilo que ouvia e sentia, já não vê coisa alguma:

(Num momento mesmo, em que o latir se fizera tão próximo, e tão familiar, como se fosse um *chamado*, – ele voltou-se. Foi levando o olhar até o fundo da escuridão que ficara para trás. Esperou um instante: o instante rápido, que desse para aparecerem, primeiro, os olhos e os dentes...). Agora: só poderia ser um cachorro fantástico (MACHADO, 2003, p. 253-254, grifo do autor).

Ao que se pode perceber, quem se dá conta de que o cachorro fantástico é criação da imaginação é o próprio Louco. Essa verificação pode ser atestada pelo fato de, em seguida, ele recordar-se de uma história que, possivelmente, ouvira na infância sobre um lobisomem. A trama, inteligentemente organizada, permite que o leitor estabeleça a relação entre o cão, que latira, o lobo fantástico surgido da imaginação do Louco, e o próprio louco, graças à construção que lhe é conferida no enredo. Após a narração da história do lobisomem da infância do protagonista, vem uma pergunta sobre as causas do surgimento do lobisomem na história: “Por que o lobisomem haveria de andar aparecendo?” (MACHADO, 2003, p. 254). Em seguida, a narrativa redireciona seu foco para o homem perturbado, descrevendo-o:

Ora dócil, o rabo entre as pernas, todo espichado para baixo, para oferecer um declive maior à água da chuva. Ora ativo! Cheio de curiosidades de cachorro, indo na frente, farejando o caminho [...] Ele e o cachorro fantástico... Ele, como dono daquele cão – do lobisomem – e tão fantástico como o próprio cão! [...] (MACHADO, 2003, p. 254).

Nessa confusão de homem-cão, trazida pela memória da história que fora acordada pelo cão que o Louco julgava estar lhe seguindo, o protagonista chega à conclusão de que, em

meio a essa caminhada toda, a essa fuga, ele “ia em busca do....CATI!” (MACHADO, 2003, p. 255). Ao ter consciência de que se dirigia ao Cati, o homem desiste de lutar, resolve se entregar. Essa resolução faz com que uma lembrança ressurja, um tanto modificada por sua imaginação, ou alucinação. O personagem, novamente, vê os militares vestidos de preto, mas, dessa vez, é ele próprio que esses oficiais recolhem ao presídio. Nota-se que a intensidade da presença das recordações alcança seu ápice, na trajetória do Louco, chegando a ser misturada com alucinações. É desta forma que o Louco visualiza as coisas acontecerem: “num dado momento [...], estaria entrando no Cati – no *portão do Cati* – escoltado por sombras, uns homens vestidos de negro, lendários...” (2003, p. 255, grifo do autor). Verifica-se que a presença dos homens “lendários” é constante quando o Louco recorda-se dos oficiais que via transitar por sua cidade natal no período da infância.

Na trajetória do Louco, a última lembrança, ou melhor, o último conjunto de lembranças que lhe vem à mente é suscitado quando ele percebe o “homem decaído e sobrenatural (lobisomem, semi-homem)” no qual se transformara. (MACHADO, 2003, p. 256). Aqui, todas as suas vivências, narradas no livro, são relembradas em pequenos *flashes*, e a reaparição desses momentos confirma-lhe a sensação de que seu destino era mesmo o Cati, de que ele é tão degradado que se havia transformado em cão: “tinha medo (e fuzilou o olhar para os lados, procurando um amparo humano na solidão), tinha medo de botar a mão no rosto enxovalhado, e dar com o focinho dum cachorro [...]” (MACHADO, 2003, p. 257). Essa sensação, confirmada pelas lembranças que a reavivaram, somente é desfeita quando ele percebe que aquele presídio do Cati, responsável por todos os seus tormentos, está, então, em “cacos de paredes que mal se equilibram” (MACHADO, 2003, p. 259). Assim, finalmente, o encontro com aquela prisão, tantas vezes trazida ao presente pelas memórias que lhe foram buscadas no passado, devido a situações que vivenciava nesse momento atual, desmancha o horror e o medo que o deixaram alucinado, fazendo-o voltar à vida real. Ele próprio percebe, no fim, “o quanto ainda era moço [...]” (MACHADO, 2003, p. 259).

Ao chegar-se à análise desses últimos excertos do romance dyoneliano, observa-se que a reabilitação do homem louco dá-se sem o auxílio de especialistas – ou médicos – que pudessem curá-lo daquele distúrbio mental. Para que seu estado psicológico retornasse àquilo que se poderia considerar normalidade, tendo consciência do que realmente se constituía a realidade, foi preciso que o protagonista fosse, aos poucos, revivendo aquelas situações tortuosas que fizeram parte de seu passado, até que, no fim, ele se encontrasse com o seu vilão e percebesse que este já havia sido derrotado, não havendo mais necessidade de combatê-lo.

Assim, sua condição psicológica, que por tantos anos ficara perturbada, parece ter restabelecido seu senso de realidade, voltando, gradualmente, ao estado saudável e normal.

3.2 As recordações como transfiguradoras da realidade

Uma leitura do romance *O louco do Cati*, desprovida do aparato teórico aqui utilizado, permite vislumbrar que o protagonista passa por um processo de perturbação mental. Isso fica atestado pelos personagens secundários que o rodeiam no meio histórico-social no qual ele transita. Por sua vez, o estudo desse romance – tal como foi elaborado até aqui –, sob a orientação dos pressupostos teóricos de Henri Bergson, não apenas comprova essa ocorrência, como também busca entender de que modo se dá esse processo de disfunção psicológica, por meio da análise das memórias evocadas pelo Louco, nos trajetos que percorre durante determinado período de sua vida.

No decorrer da análise das recordações do protagonista, que verificou a relação entre essas lembranças, situações presentes e as reações nele provocadas, fez-se uma inferência no que se refere à morte do seu pai. Tal investigação refere-se ao fato de a morte do pai do indivíduo estar relacionada às atrocidades cometidas na região onde ele vivera e que foram comandadas por militares que possuíam como base de operações o tão afamado presídio do Cati. Por meio da pesquisa que se apresenta a seguir, busca-se a confirmação de tal possibilidade, a fim de que se possa desvendar a origem dos distúrbios psicológicos do protagonista.

O estudo detalhado da obra permitiu que se analisassem todas as referências à memória nela encontradas, tanto lembranças do protagonista quanto de outros personagens que o cercam. Em meio às recordações investigadas, há somente uma que se refere ao pai do Louco. Sabe-se, com base no estudo das demais memórias do homem perturbado, que o seu pai falecera, e que muitas situações tristes sucederam a essa – o uso de roupas velhas por sua mãe, a necessidade de serem amparados por parentes, as constantes viagens em busca de melhores condições –, tornando a sua infância um período desgostoso e pesaroso de sua vida. A cena evocada, que remete à figura paterna do personagem principal, traz do passado uma reunião entre familiares e amigos de seu pai em sua casa:

[...] Uma vez, o pai ainda vivia. [...]. Conversa séria. [...] Num dado momento a palestra subitamente se suspendeu! Um deles saiu pé ante pé. [...]. Voltou tranqüilizado: podia-se continuar. “O que é que o tio Cuta foi ver na porta da rua, mãe?”. “Psiu! Um menino não fala dessas coisas.” “Que coisas, mãe?” “Cala a boca: o Cati!” (MACHADO, 2003, p. 33-34).

A recordação dessa situação traz vários elementos que podem contribuir para a compreensão da repercussão da memória na trajetória do personagem principal. Conforme a exploração dessa lembrança, elaborada durante a investigação das memórias do protagonista, no que diz respeito à perspectiva bergsoniana, o primeiro elemento a ser observado é o fato de seu pai ainda estar vivo no período rememorado, e de haver morrido precocemente, levando-se em consideração outras passagens analisadas que revelam a ausência da figura paterna. A seguir, considera-se relevante, no que se refere a tal rememoração, o fato de estar ocorrendo, em sua casa, uma espécie de reunião, que, conforme o relato, tratava de reclamações sobre injustiças ocorridas naquela região.

O mencionado encontro parece ser clandestino. Isso é verificado devido à sua breve interrupção, quando algum barulho suspeito vem do lado de fora da residência, comprovando aquilo que já se mencionara em relação à sensação de opressão vivenciada naquele período que corresponde à infância do protagonista. Além dessas constatações, sabe-se que a apreensão vivenciada deve-se ao funcionamento do presídio do Cati e do regime de poder estabelecido por aqueles que o comandam. Por fim, a relação entre o pai, a referida reunião e essa prisão fica esclarecida por meio do diálogo travado entre o menino e sua mãe, quando esta o manda ficar quieto com relação ao assunto do Cati, deixando claro para o leitor que o motivo da reunião é a existência do presídio. Assim, parece ficar implícito, na estrutura narrativa elaborada pelo autor, que o pai do protagonista tenha sua morte relacionada aos demais eventos promovidos pelos oficiais instalados no presídio do Cati, assim como ocorrera com todos aqueles indivíduos que o menino vira o tenente conduzir para aquele local.

Ao se estabelecer essas inferências, parece ser óbvio que a lembrança atormentar o personagem em foco, nos momentos em que ele vislumbra lugares que remontam às memórias da prisão situada na fronteira do estado, é a tragédia ocorrida em sua família, qual seja, a morte de seu progenitor. No entanto, conforme a pesquisa demonstra, as lembranças que atormentam o homem remetem, essencialmente, ao presídio do Cati, sendo a lembrança acima citada a única referência direta ao pai. Assim, é inevitável que se questione por que razão as memórias aflitivas do protagonista referem-se apenas ao Cati e não fazem ressurgir o

padecimento final de seu pai, uma vez que há a possibilidade de haver relação entre sua morte e os abusos ocorridos naquele presídio da campanha gaúcha.

Sem perder de foco a análise organizada sob a perspectiva dos pressupostos teóricos bergsonianos, algumas teses do psicanalista Sigmund Freud podem lançar luz ao questionamento elaborado, na medida em que abordam o funcionamento do sistema psicológico humano e suas possibilidades de falha. Segundo Freud (1895), o sistema psicológico possui um mecanismo constituído das catexias (investimentos de energia externa ou interna) nos neurônios, chamado ego. Esse sistema parece regular as quantidades de energia que chegam e preenchem determinado neurônio, de forma a manter o sistema saudável. Assim, esse sistema esforça-se para eliminar as energias que provocam desprazer, através de um procedimento denominado “inibição”. Para que se possa buscar um esclarecimento no que concerne à memória da morte do pai do Louco, é necessário que se compreenda como esse processo de inibição acontece.

Um dos modos pelos quais o ego parece bloquear a ação de elementos que provoquem dor ao sistema psicológico é chamado “catexia colateral”. Para Freud, “uma *catexia colateral* atua como uma *inibição do curso da [quantidade de magnitude intercelular]*” (FREUD, 1895, p. 438, grifo do autor). No entanto, de que modo exatamente acontece uma “inibição do curso da quantidade de magnitude externa”, ou seja, de energia externa que investe, que preenche um dado neurônio? Em situações cotidianas e comuns da existência de um indivíduo, pode não haver a necessidade de ativação desse procedimento. Contudo, no caso do Louco, a energia externa, recebida por seu ego das percepções dos locais e situações, remonta à recordação da morte do pai, a qual carrega uma quantidade desencadeadora de dor. Desse modo, ao chegar a tal mecanismo da psique, essa energia não é catexizada diretamente no neurônio que a receberia, pois assim provocaria a dor e a consequente disfunção do organismo psicológico. Ao contrário, a lembrança é desviada para outro neurônio, e, nesse instante, há a combinação de dois processos, o de inibição dessa lembrança e o da condução da energia para outro, fazendo com que uma catexia colateral aconteça. Assim, a recordação investida é aquela que se refere ao presídio do Cati e não a do falecimento do pai.

Ao executar esse processo, o ego que constitui o sistema psicológico do Louco coloca em funcionamento outro procedimento de preservação do sistema psicológico, o de recalque e substituição. Na verdade, no momento em que o ego inibe a ação da quantidade externa já está produzindo o recalque, pois bloqueia a imagem mnêmica mais antiga provocadora de desprazer. A seguir, acontece o processo de substituição da memória aflitiva por outra que possui alguma ligação com ela, mas que não revela essa conexão sem antes proceder-se a uma

análise dos eventos que permeiam a trajetória do indivíduo em questão. Conforme Freud estabelece, “trata-se de um caso de deslocamento para alguma coisa associada por continuidade; ou se examinado o processo como um todo, de um caso de recalçamento acompanhado de substituição por algo próximo (seja no espaço ou no tempo)” (FREUD, 1899, p. 291).

No que concerne ao caso do protagonista do romance, a memória que possui algum elemento que a conecte à recordação conflitiva da morte de seu pai parece ser o próprio presídio do Cati. Esse elemento, presente no espaço e no tempo em que a morte do progenitor do Louco parece ter ocorrido, funciona como substituto da própria memória da morte do pai e de todo o sofrimento vivenciado pelo então menino. Contudo, embora esse processo evite que o sistema psicológico do homem sofra com maiores desprazeres, não consegue impedir que ele fique perturbado com a presença da memória substituta. Nesse sentido, Freud, quando trata das lembranças excessivamente intensas, constata que essa intensidade vivenciada pelo indivíduo não é compreendida por ele próprio, vindo a configurar-se em algo deslocado, sem referência, que escapa à compreensão: “As *idéias* histéricas *excessivamente intensas* [...] surpreendem por sua extravagância [pois] são *idéias* que não teriam conseqüências em outras pessoas e cuja importância não conseguimos entender” (FREUD, 1895, p. 468, grifo do autor).

No caso do Louco, as lembranças do Cati não parecem ser exatamente irrelevantes, tal como o processo de substituição permite verificar. Isso pode ser explicado pelo fato de essa ideia ter-se tornado “excessivamente intensa”, ou seja, uma ideia histérica, provocadora do distúrbio mental do personagem em foco. Se, por um lado, a memória do Cati deveria ser irrelevante, levando-se em consideração o esquema de recalque e substituição, por outro, essa recordação escolhida pelo mecanismo mnêmico provocou tal reação no homem do Cati, que acabou por tornar-se uma ideia obsessiva. Enquanto isso, a memória que se refere ao seu pai fica encoberta no decorrer da narrativa, tamanho é o recalque e a dor que parecem lhe ter sido provocados. Conforme o estudioso da psicanálise verifica, “toda excitação sensorial, mesmo a dos órgãos superiores dos sentidos, tende a se transformar em dor à medida que o estímulo aumenta” (FREUD, 1895, p. 418). No momento em que o Louco encontra a hospedaria de seu Ricardo, cedo da manhã, uma série de elementos faz com que ele relembre aquele presídio do Cati, entre os quais “a casa, os contra fortes, as dependências – que, na claridade da manhã, saíam do desenho apenas esboçado pela penumbra da véspera com um recorte militar”; o cerco, que lhe pareceu o posicionamento de seus companheiros diante dele; o mato no qual ele se embrenhara e que lhe lembrava a infância (MACHADO, 2003, p. 28). Desse modo, a

constante reiteração de tais elementos faz com que o estímulo das excitações sensoriais aumente em demasia.

Nesse sentido, é relevante observar a constatação de Freud de que o desprazer provocado pela lembrança evocada é condicionado, também, pelo fato de que a própria percepção do momento presente “fez parte de uma experiência de dor” (FREUD, 1895, p. 508). O movimento que parece se estabelecer é cíclico, no sentido de que a percepção provoca a dor no momento em que capta uma situação presente, mas, da mesma forma, por reviver uma situação passada causadora de aflição. Assim se estabelece todo o mecanismo que acaba por transfigurar a realidade do protagonista, na medida em que ele não consegue separar as situações e os espaços presentes daquilo que já faz parte de suas experiências passadas, como se tudo pertencesse a um mesmo espaço e a um mesmo tempo. Desse modo, o homem acaba por se comportar como um indivíduo psicologicamente perturbado, destoando daquilo que se considera uma conduta normal com relação ao meio histórico-social no qual ele se encontra.

Aparentemente, a cura para o desequilíbrio do protagonista chega apenas no instante em que ele se depara com o presídio em ruínas e percebe que este já não pode mais ameaçá-lo. É curioso observar que o Louco parece ter atingido sua cura sozinho, sem o auxílio de ninguém, apenas reencontrando-se diretamente com o responsável por seus tormentos, o presídio do Cati. Em se tratando de uma análise literária de cunho psicanalítico, pode-se observar que o autor desse romance, Dyonelio Machado, possivelmente utilizou, também, alguns elementos do método psicanalítico como terapia, a fim de libertar seu personagem dos males do passado. Tal constatação pode ser comprovada pelo fato de o método psicanalítico, para a terapia de pacientes histéricos ou obsessivos, ser conduzido por meio da fala, na medida em que é o paciente quem se expressa e, por sua expressão, toma consciência de determinadas situações que lhe são conflituosas, resolvendo suas questões problemáticas. O paciente é induzido a falar sobre todas as suas angústias, sonhos e pensamentos, e, conforme o analista observa possibilidades de crescimento, este vai, sutilmente, orientando seu analisado, de modo que ele próprio atinja a cura de suas aflições.

Esse escritor gaúcho foi um dos primeiros médicos a ter contato com a psicanálise freudiana no país, não obstante ele próprio se considerasse um profissional eclético, aberto a todas as possibilidades teóricas. Em uma de suas entrevistas, o autor afirma: “Eu mesmo fui um dos pioneiros da psicanálise no Brasil, embora seja muito eclético para exercê-la”

(GRAWUNDER, 1995, p. 10)³. Percebe-se, assim, que, mesmo não exercendo a psicanálise unicamente, alguns elementos provenientes de seus estudos foram transpostos, conscientemente ou não, pelo escritor para a obra literária, de maneira que o protagonista de *O louco do Cati*, ainda que não através da fala, pudesse, sozinho, alcançar o alívio para as suas aflições, restaurando, finalmente, sua saúde mental.

³ JAGUAR PERES, Glênio; WOLFF, Fausto. DM, um grande escritor brasileiro (para quem teve a sorte de ler). *O Pasquim*. Rio de Janeiro, nov. 1979, p. 18-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo acerca da manifestação da memória dos protagonistas nas obras *Os ratos* (1935) e *O louco do Cati* (1942) – os dois romances mais representativos no que se refere à ficção dyoneliana (GRAWUNDER 1997, p. 95-97) – foi elaborado por meio da análise das lembranças mais relevantes de cada um dos personagens principais; dos motivos que impulsionaram o surgimento dessas lembranças e da forma pela qual tais recordações interferem em suas atitudes cotidianas.

Em *Os ratos*, a análise da trajetória do protagonista, Naziazeno Barbosa, revelou-o como um ser que não consegue tomar atitudes para resolver seus problemas de forma autônoma, pois julga que conseguirá contornar sua situação financeira problemática contando apenas com a solidariedade alheia. Desse modo, em vez de lutar para resolver suas dificuldades, ele se dirige a amigos, esperando que seus companheiros elaborem estratégias de ação para levantar os 53 mil-réis de que necessita para liquidar a dívida com o leiteiro. Verificou-se que esse comportamento deve-se ao tipo de lembranças que a percepção do personagem aciona, pois as experiências angustiantes, vividas no momento presente, ativam memórias pregressas que lhes são correspondentes, ou seja, lembranças também angustiantes, confirmando o fato de que “o passado revive na memória” (BOBBIO, 1997, p. 53).

No que se refere às lembranças que afetam, precisamente, o comportamento de Naziazeno, destacaram-se aquelas que remontam a momentos nos quais ele fora impedido de agir espontaneamente, sendo obrigado, portanto, a obedecer a ordens. Dentre todas as memórias analisadas, enfatizaram-se as duas que fazem referência à mãe do protagonista – a cena da roupa de Santo Antônio e o episódio da conversa de alguns garotos em uma esquina próxima de sua casa –, as quais se configuram como as causadoras de seu comportamento apático e inativo. A primeira diz respeito ao momento no qual o protagonista, ainda menino, fora obrigado por sua mãe a vestir a roupa do santo como pagamento de uma promessa. A segunda retrata uma ocasião na qual ele quisera participar de uma conversa com alguns garotos em um local próximo de sua casa, mas sua mãe não o autorizara a integrar-se ao grupo, pois era a hora de fazer a refeição. Constatou-se que essas imposições da mãe demonstram a forma como o comportamento do personagem principal é moldado desde sua infância, influenciando, consideravelmente, sua convivência com as pessoas que o cercam, inclusive com sua esposa, Adelaide.

Ficou explícito que a chave para que se possa entender a complexa manifestação da memória de Naziazeno está centrada na figura do leite, visto que é com um leiteiro que ele contraíra a dívida para a qual busca o dinheiro no decorrer das 24 horas do romance. Ainda, esse elemento retorna à consciência do protagonista durante todo o dia, reavivando a angústia experienciada no início da manhã, quando ouviu o ultimato do leiteiro a respeito do pagamento do fornecimento do leite. Para além dessa constatação, observou-se que o referido alimento funciona como um motivo encobridor da real causa de desprazer desse protagonista: a superproteção de sua mãe. Escondida no inconsciente do personagem principal, essa atitude materna faz com que ele, na vida adulta, não seja capaz de decidir, de lutar e de buscar o que precisa através de esforço e de iniciativa próprios. Ao se levarem em consideração tais observações, percebeu-se que se estabelece um descompasso entre a duração do tempo cronológico de 24 horas e o tempo psicológico, ou o tempo vivido pelo protagonista, representado por sua memórias. Verificou-se, ainda, que o tempo vivido, apresentado no interior do tempo cronológico, excede grandemente a extensão deste, reafirmando a “sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas” (NUNES, 1995, p. 18), embora seja representado dentro dos limites cronológicos.

Em *O louco do Cati*, o mecanismo mnêmico opera uma significativa transfiguração na existência do protagonista, o Louco, pois a recordação do presídio do Cati - ativada a cada percepção de um elemento semelhante àquele local – provoca-lhe distúrbios psicológicos, fazendo com que a sociedade na qual ele circula considere-o louco. Tais distúrbios consistem no fato de o homem enxergar o presídio em qualquer lugar que se assemelhe àquela prisão localizada na fronteira gaúcha, que o leva a sentir pânico e a querer fugir. Assim, averiguou-se que a constante aparição desses elementos de sua vida pregressa desloca-o da realidade, acabando por transformar cada instante que se apresenta diante dele em uma mistura entre passado e presente, ou seja, “cada momento contém todos os momentos anteriores” (ROSENFELD, 1969, p. 82) por ele vivenciados. Verificou-se que as percepções que evocam tais lembranças são, em grande parte, aquelas que captam prédios ou locais que se parecem ao Cati; outros elementos que remetem à infância do protagonista e às situações aflitivas que vivera na companhia de sua mãe no período da infância; sensações de opressão e de repressão que o personagem principal experiencia em seus deslocamentos no presente da ação.

A investigação demonstrou que, na verdade, as memórias mencionadas funcionam como substitutas daquela que é a verdadeira causa de todo o sofrimento e de todo o desajuste psicológico vivido pelo protagonista: a morte de seu pai, provavelmente relacionada àquele presídio localizado na região da campanha gaúcha. A própria configuração do romance

encobre a recordação do assassinato do pai do Louco, visto que, em apenas uma das memórias do personagem principal, a figura paterna faz-se presente de forma clara. Observou-se que, nessa recordação, a figura do pai estava envolvida em conversas que reprovavam os abusos de poder deflagrados naquele local. Essa constatação permite, portanto, que se avente a hipótese de o Louco ser atingido por tal desequilíbrio psicológico, fundamentalmente, pela relação que o presídio possui com a morte do progenitor.

A análise da configuração das memórias dos protagonistas dos dois textos literários, assim como a influência desse elemento no desenrolar da existência desses personagens, revela que ambos são perturbados por eventos do passado, pois suas “vivências [...], embora nítidas, são objetificadas, integrando um tempo parcelado, cujos momentos identificados caem na rede do presente” (NUNES, 1995, p. 45), apresentada nos enredos de cada obra literária. Nesse sentido, evidenciou-se a evocação, tanto em Naziazeno quanto no Louco, de memórias encobertas que são acionadas e que perturbam o desenrolar da trajetória de cada um, embora nenhum deles tenha consciência do processo de desencadeamento de tais lembranças. Ambos possuem lembranças que estabelecem alguma relação com as memórias encobertas e que vêm à tona como substitutas destas, parecendo desviar o foco da dor de cada um dos protagonistas.

Finalmente, no que se refere ao desfecho dos romances, constatou-se uma diferença na forma como cada protagonista passa a lidar com as memórias de seus tormentos e com sua interferência no momento presente. Naziazeno Barbosa, embora tenha conseguido o valor para saldar a dívida com o leiteiro, permanece devendo para outro agiota e deve, ainda, o dinheiro que o Duque lhe arranjava para o leite. Assim, percebeu-se que esse personagem não consegue se libertar dos efeitos das memórias encobertas referentes ao comportamento superprotetor da mãe, na medida em que não se observa qualquer mudança em seu posicionamento diante das dificuldades. Por outro lado, o Louco, protagonista de *O louco do Cati*, nas últimas páginas do romance, desprende-se da imagem do presídio do Cati, especialmente no momento em que se depara com o prédio antigo já em ruínas. Assim, o encontro propicia-lhe a libertação das lembranças conflitivas, restabelecendo seu equilíbrio psicológico.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Márcia H. S. *A paródia em O louco do Cati*. Porto Alegre: Edipucrs; Pref. Mun. de Quaraí, 1994.

_____. GRAWUNDER, Maria Zenilda (Org.). *Dyonelio Machado*. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1995, p. 11. (Cadernos Porto&Vírgula, 10).

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FREUD, Sigmund. *Lembranças encobridoras*. (1899). Tradução de Jayme Salomão. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994a, p.285-304. (Obras completas, 3).

_____. *Projeto para uma psicologia científica*. (1895). Tradução de Jayme Salomão. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994b, p. 386-529. (Obras completas, 1).

_____. *Escritores criativos e devaneios*. (1907) 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994c, p. 147-158. (Obras completas, 9).

GRAWUNDER, Maria Zenilda. *O cheiro de coisa viva: entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito – O estadista*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.

_____. *Instituição literária: análise da legitimação da obra de Dyonelio Machado*. Porto Alegre: IEL; Edipucrs, 1997.

JAGUAR PERES, Glênio; WOLFF, Fausto. DM, um grande escritor brasileiro (para quem teve a sorte de ler). *O Pasquim*. Rio de Janeiro, nov. 1979, p. 18-19

IZQUIERDO, Iván. *A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004a.

_____. *Questões sobre memória*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004b.

MACHADO, Dyonelio. *O louco do Cati: aventura*. 5. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

_____. *Os ratos*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

MARTINS, Cyro. Um escritor aberto ao espanto. In: BARBOSA, Márcia; GRAWUNDER, Maria Zenilda (Org.). *Dyonelio Machado*. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1995. p. 11. (Cadernos Porto & Vírgula, 10).

NUNES, Benedito. *O tempo da narrativa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

SANTOS FILHO, F. C; SANTOS, Dóris M. W. Em carne viva: um diálogo imaginário com Dyonelio Machado. In: GAGLIETTI, Mauro; SANTOS FILHO, F. C. (Orgs.). *Ratos de biblioteca: itinerários de leitura*. Passo Fundo: UPF Editora, 2007.

VELLINHO, Moysés. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1960.